

Cadernos IHU em formação

Rumos da Igreja hoje na América Latina

Tudo sobre a V Conferência dos bispos em Aparecida

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes Aquino, SJ

Vice-reitor

Aloysio Bohnen, SJ

Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos IHU em formação

Ano 3 – Nº 21 – 2007

ISSN 1807-7862

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta - Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. Dr. Laurício Neumann – Unisinos

MS Rosa Maria Serra Bavaresco – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Profa. MS Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Gilberto Dupas – USP - Notório Saber em Economia e Sociologia

Prof. Dr. Gilberto Vasconcellos – UFJF – Doutor em Sociologia

Profa. Dra. Maria Victoria Benevides – USP – Doutora em Ciências Sociais

Prof. Dr. Mário Maestri – UPF – Doutor em História

Prof. Dr. Marcial Murciano – UAB – Doutor em Comunicação

Prof. Dr. Márcio Pochmann – Unicamp – Doutor em Economia

Prof. Dr. Pedrinho Guareschi – PUCRS - Doutor em Psicologia Social e Comunicação

Responsável técnico

Laurício Neumann

Revisão

André Dick

Secretaria

Camila Padilha da Silva

Projeto gráfico e editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.unisinos.br/ihu

Sumário

“Surge da V Conferência um rosto indígena e afro-americano da Igreja latino-americana e caribenha” <i>Entrevista com Benedito Ferraro</i>	5
“O Documento de Aparecida realça a fé do povo simples como a grande riqueza da América Latina” <i>Entrevista com Mario de França Miranda</i>	9
Uma reflexão sobre o pluralismo religioso a partir de Aparecida <i>Entrevista com Faustino Teixeira</i>	14
“O Documento de Aparecida é o ponto mais alto do Magistério da Igreja latino-americana e caribenha” <i>Entrevista com Clodovis Boff</i>	18
“Aparecida significou quase uma surpresa” <i>Entrevista com João Batista Libânio</i>	21
O Documento como prova do jeito latino-americano de ser Igreja <i>Entrevista com Vanildo Zugno</i>	25
“Da V conferência emerge uma Igreja comprometida com a vida humana, de forma integral” <i>Entrevista com Geraldo Luiz Borges Hackmann</i>	29
“Igreja que deseja ser ouvida numa cultura pós-cristã precisa ter um testemunho forte, crível e consistente, que acompanhe o discurso” <i>Entrevista com Maria Clara Bingemer</i>	31
A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Aparecida: propostas, ênfases e lacunas <i>Por José Oscar Beozzo</i>	38
“O documento da V Conferência é típico da Igreja do temor” <i>Entrevista com Eduardo de la Serna</i>	40
“Um véu de integrismo e fundamentalismo ameaça o mundo pluralista de hoje” <i>Por Luiz Alberto Gómez de Souza</i>	44

“Os pobres são contemporâneos de Aparecida” <i>Entrevista com Paulo Suess</i>	51
“A opção de quem crê em Jesus Cristo não pode ser outra que a opção pelos pobres” <i>Entrevista com Ignacio Antonio Madera Vargas</i>	55
“Temos de crer e esperar que outro mundo e que outra Igreja são possíveis” <i>Entrevista com Victor Codina</i>	57

“Surge da V Conferência um rosto indígena e afro-americano da Igreja latino-americana e caribenha”

Entrevista com Benedito Ferraro

Benedito Ferraro é graduado em Filosofia, pelo Seminário Central do Ipiranga e pela Universidade de Mogi das Cruzes, graduado em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e doutor em Teologia, pela Universidade de Friburgo. Atualmente, Ferraro é professor na PUC-Campinas e assessor da Pastoral Operária de Campinas. É autor de, entre outros, **Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios** (São Paulo: Paulinas, 1992) e co-autor de **Espiritualidade Libertadora** (2. ed. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2004) e de **O código genético das CEBs** (São Leopoldo: Oikos, 2005).

“Creio que a Teologia da Libertação é ainda o melhor instrumental que temos para uma exata compreensão da evangelização: ela mostra um método de análise da realidade, uma reflexão a partir da palavra de Deus, seguindo as indicações da exegese moderna, e um cabedal prático-pastoral devido ao seu compromisso com a luta política de libertação dos pobres e excluídos”, é a opinião de Ferraro ao analisar o documento final da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – V Celam, realizado em Aparecida, São Paulo, de 13 a 31 de maio de 2007, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, em 18 de julho de 2007.

IHU On-Line – Quais são as principais novidades da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe – V Celam em relação a Medellín, Puebla e Santo Domingo?

Benedito Ferraro – Primeiramente, houve a novidade da V Conferência de Aparecida acontecer num grande centro de romaria. A presença contínua de milhares de romeiros, vindos de muitos estados do Brasil, não permitiu que os bispos delegados e os convidados/as se esquecessem da Igreja Povo de Deus. Igualmente, o fato de acontecer num santuário, com uma história ligada ao povo pobre, escravizado, povo negro, não deixou de ser referência. A segunda novidade esteve no fato de haver um Fórum de Participação, que possibilitou uma referência aos mártires da América Latina e do Caribe, através da presença da Tenda dos Mártires. Este fato foi reforçado com a Romaria realizada entre a cidade de Roseira (São Paulo) e Aparecida, com a participação de 10.000 pessoas, na sua grande maioria jovens, caminhando uma noite toda, tendo como referência a memória das Conferências do Rio de Janeiro (1955), Medellín¹ (1968), Puebla² (1979), Santo Domingo³ (1992) e, no horizonte, a Conferência de Aparecida. Estas atividades também ajudam a compreender

¹ Documento de Medellín: Em 1968, na esteira do Concílio Vaticano II e da encíclica *Populorum Progressio*, realizou-se, na cidade de Medellín, Colômbia, a II Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano, que deu origem ao importante documento que passou a ser chamado o Documento de Medellín. Nele, se expressa a clara opção pelos pobres da Igreja Latino-Americana. A conferência foi aberta pessoalmente pelo papa Paulo VI. Era a primeira vez que um papa visitava a América Latina. (Nota da **IHU On-Line**).

² A III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Puebla, no período de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Foi convocada pelo Papa Paulo VI, confirmada por João Paulo I e inaugurada pelo Papa João Paulo II. O tema desta conferência foi “Evangelização no presente e no futuro da América Latina”. (Nota da **IHU On-Line**)

³ A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Santo Domingo no período de 12 a 28 de outubro de 1992. A Conferência foi convocada e inaugurada pelo Papa João Paulo II. A convocação colocou em evidência o quinto cente-

melhor o alcance da V Conferência. Pode-se, também, destacar a presença de um grupo de teólogos/as, exegetas, pastoralistas e cientistas sociais, e do grupo Ameríndia, que pode colaborar com os bispos na linha da reflexão teológica, bíblica e pastoral. Finalmente, é possível falar que a V Conferência possibilitou a retomada da colegialidade na Igreja latino-americana e caribenha. Mesmo com a forte presença dos representantes da Santa Sé, nota-se um clima de maior liberdade. Isto é importante, pois as Conferências dos bispos da América Latina e Caribe são um exemplar único no mundo. Esta experiência pode se tornar um modelo de colegialidade para todas as outras partes do mundo.

IHU On-Line – Quais seriam, de maneira sintética, as três grandes luzes de Aparecida e quais as três grandes sombras?

Benedito Ferraro – As três grandes luzes, no meu modo de ver, são a consagração da opção pelos pobres, que, nesta V Conferência, foi retomada e inserida na fé cristológica; a reafirmação das Comunidades Eclesiais de Base, retomando Medellín e considerando-as célula inicial de estruturação eclesial e foco de evangelização; e a firmamento do diálogo ecumênico e inter-religioso, base fundamental para se construir um mundo de justiça e de paz.

As três sombras: a primeira é a não afirmação explícita da negritude, sobretudo em se tratando de uma conferência realizada num santuário que tem como Patrona uma Senhora Negra. Os negros cantam Senhora Negra Aparecida. A segunda foi o fato de não se denunciar com a maior nitidez possível o sistema neoliberal, causador do desemprego, da violência e da exclusão. A terceira se refere ao fato de não se tratar a questão da mulher com a devida seriedade: pouco se falou de seu papel na Igreja, visto que sua presença é majoritária, e nada sobre a questão da ordenação de mulheres.

IHU On-Line – Quais são as principais mudanças que estão acontecendo em nosso

continente e no mundo e que interpelam a evangelização? A V Conferência consegue responder aos desafios destas mudanças?

Benedito Ferraro – Quero indicar duas grandes mudanças. A primeira está enraizada na reestruturação do mundo do trabalho como fruto da globalização hegemônica pelo sistema financeiro internacional. O sinal visível desta mudança se traduz no desemprego estrutural, na terceirização e na precarização do trabalho, deteriorando a qualidade de vida das pessoas e da própria natureza pelo processo de devastação dos recursos naturais. Neste sentido, embora a V Conferência aponte algumas críticas ao sistema neoliberal presente na América Latina e Caribe, não me parece que tenha tocado na raiz do problema. Creio que se deveria insistir muito mais no processo de integração latino-americana e caribenha como uma possível saída para os povos deste continente.

A segunda está relacionada com o pluralismo religioso. Hoje, a imensa maioria das famílias tem pessoas de parentesco muito próximo em outras Igrejas cristãs ou religiões. Também aqui houve um pequeno avanço no sentido de se afirmar o diálogo ecumênico e inter-religioso, mas não se percebe com nitidez uma compreensão da alteridade. Os outros, sobretudo, negros/as e indígenas, ainda são vistos com muito medo e desconfiança. Certamente, a V Conferência teria de afirmar a necessidade de um novo paradigma na compreensão das alteridades.

IHU On-Line – O texto do documento final aponta uma retomada do método ver-julgar-agir. Como isso aparece no documento? O que faz parte do ver, do julgar e do agir a partir de Aparecida?

Benedito Ferraro – Já foi um ganho o fato de se afirmar a necessidade da retomada do método ver-julgar-agir. Mas, como as tensões sobre esta questão estavam muito presentes nos diferentes modelos de Igreja representados na V Conferência, o seu tratamento, de forma lógica e processual, acabou sendo ocultado. De qualquer forma, o método aparece na perspectiva da divisão em três

nário da evangelização da América. O Papa propôs à Conferência os temas “Nova evangelização, a promoção humana e a cultura cristã”. (Nota da *IHU On-Line*)

partes do documento e que acabam indicando os três momentos do método proveniente da ação católica: VER – A vida de nossos povos hoje; JULGAR – A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários; e AGIR – A vida de Jesus Cristo para nossos povos.

IHU On-Line – Qual é a pertinência deste método hoje?

Benedito Ferraro – Creio que este método ainda tem pertinência, na medida em que busca descobrir as grandes questões advindas da realidade socioeconômica-política e cultural, buscando dar autonomia às realidades terrestres e às ciências; ilumina estas questões fundamentais com a Palavra de Deus e a tradição das Igrejas, buscando critérios éticos e evangélicos para um discernimento apropriado; e, finalmente, procura indicar caminhos de solução para os problemas. É claro que tal método não pode ser compreendido de forma compartimentalizada. É preciso respeitar as interações entre os diferentes momentos, dado que nem sempre é fácil de ser respeitado em um texto longo como o Documento Conclusivo e feito a muitas mãos e sem muito tempo para uma depuração. Com o decorrer do tempo, o que não for pertinente acabará virando pó!

IHU On-Line – Considerando a situação da Igreja na sociedade hoje, o documento fez um balanço de pontos positivos e negativos. Como se dá esse balanço?

Benedito Ferraro – Creio que o balanço foi feito. Certamente, muitos aspectos foram deixados de lado ou mesmo ocultados. Mas creio que a realidade de exclusão, fome e violência, presente na América Latina e Caribe, está bem delimitada. Mesmo ainda tendo uma visão eclesiocêntrica, a exigência do diálogo ecumênico e inter-religioso acaba perpassando o texto. Certamente, esta questão irá se desdobrar na exigência de um novo tecido eclesial para poder compreender e assimi-

lar as mudanças ocorridas. O pluralismo se impôs de tal modo que a questão da crítica às outras Igrejas, devido à presença de seus representantes no interior da V Conferência, acabou tomando uma nova direção, a qual, no futuro, poderá ser muito mais flexível. A exigência de mudanças estruturais está colocada no interior do texto, mudanças estruturais na sociedade e na Igreja. Como elas se farão ainda não está indicado!

IHU On-Line – Aparecida confirma a opção preferencial pelos pobres e excluídos. De que forma essa opção será posta em prática?

Benedito Ferraro – A opção pelos pobres continua sendo a pedra de toque no interior da Igreja. É a partir dela que se definem os modelos de Igreja. Sinto duas direções no texto conclusivo. De um lado, aqueles e aquelas que vêem os pobres e excluídos como objetos de comisseração, de atenção e de cuidado. Certamente, a partir desta concepção, surgirá uma dinâmica de assistência, que no texto está sinalizada com a necessidade de se dar mais tempo aos pobres, de atendê-los em suas necessidades imediatas, de se modificar minimamente o estilo de vida burguês de padres e bispos. De outro lado, aqueles e aquelas que vêem os pobres como novos sujeitos emergentes e que apontam para um novo modelo eclesial e um novo modelo de sociedade. São novos sujeitos, que estavam invisibilizados e que hoje se tornam presentes e começam a exigir mudanças. Na verdade, elas já começam a ocorrer e apontam para um outro mundo possível. Estamos apenas no início de um processo de mudança!

IHU On-Line – Antes da realização da V Conferência, houve a admoestação a Jon Sobrino. Como pode ser descrita a recepção da Teologia da Libertação em Aparecida?

Benedito Ferraro – A admoestação a Jon Sobrino⁴ foi um aviso alertando para o perigo da Teologia da Libertação. O desenrolar da V Conferência

⁴ Jon Sobrino: teólogo espanhol, jesuíta. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador, país da América Central, que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o master em Engenharia na mesma Universidade. Sua formação teológica ocorreu no contexto do espírito do Concílio Vaticano II, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Doutorou-se em Teologia em

acabou por sinalizar uma outra direção. Nota-se que a Teologia da Libertação ainda tem muito a dar. A própria teologia explícita (cristologia, trindade, eclesiologia) do documento conclusivo continua sendo de cima para baixo. Mas nota-se, nas entrelinhas, que a Teologia da Libertação tem muito a contribuir, tanto em relação à crítica da situação de dependência e exclusão, presente no continente latino-americano e caribenho, quanto em relação ao fenômeno do pluralismo religioso. É essa teologia que tem enfrentado com muita perspicácia a questão da teologia índia, da teologia afro e da teologia feminista, sem deixar de lado a questão ecológica. Neste sentido, creio que ela é ainda o melhor instrumental que temos para uma exata compreensão da evangelização: mostra um método de análise da realidade, uma reflexão a partir da palavra de Deus, seguindo as indicações da exegese moderna, e um cabedal prático-pastoral, devido ao seu compromisso com a luta política de libertação dos pobres e excluídos.

IHU On-Line – Qual é a importância do jovem para a Igreja hoje, considerando o documento recentemente aprovado pela CNBB e o encontro do Papa com os jovens? Como entender a pouca participação do jovem na Igreja e o que fazer para resgatar esse “rebanho”?

Benedito Ferraro – O Documento da CNBB⁵ traz uma boa análise da situação dos jovens no Brasil, mostrando quais são seus medos básicos: ficar desempregado, ser morto e ficar desconectado. Ficar desempregado significa ser descartável, perder a auto-estima e não ser considerado. Ter

medo de ser morto é a condição da imensa maioria de jovens pobres, vítimas da violência na flor da idade (14 a 25 anos). Ficar desconectado é, no mundo atual, perder a identidade de jovem num mundo globalizado. A análise parece correta, mas as soluções dadas no documento da CNBB continuam ainda no terreno das intenções. O mesmo se poderia dizer do discurso do Papa no Pacaembu, no encontro com os jovens. Houve uma fala para os jovens que já estão na Igreja. Não se respondeu às questões levantadas pelos jovens que falaram em nome de seus pares. O discurso já estava preparado e não conseguiu atingir o coração dos jovens. Ficou a sensação do encontro bonito, emocional, mas pouco operacional. Creio que aqui se encontra a razão da pouca presença dos jovens na Igreja: a não apresentação de propostas viáveis do ponto de vista econômico, político, social e cultural. Os jovens só se engajarão na Igreja se encontrarem projetos que os atraiam e que os considerem sujeitos capazes de encaminhá-los.

IHU On-Line – Que rosto de Igreja emerge da V Conferência? Quais são as suas principais características?

Benedito Ferraro – Creio que ainda é cedo para se definir este rosto. Parece-me, no entanto, que vai surgindo desta V Conferência um rosto indígena e afro-americano da Igreja latino-americana e caribenha que começa a assumir as alteridades. Outra marca fundamental é a da defesa da vida, como fruto do próprio tema da V Conferência: vida para todos os homens e mulheres, vida para todas as criaturas, vida para a natureza. Enfim, para que tudo tenha vida!

1975, na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha) com a tese “Significado de la cruz y resurrección de Jesús en las cristologias sistemáticas de W.Pannenberg y J. Moltmann”. É doutor *honoris causa* pela Universidade de Lovain, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centroamericana, de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero, de diretor da **Revista Latinoamericana de Teologia** e do Informativo “**Cartas a las Iglesias**”, além de ser membro do comitê editorial da Revista Internacional de Teología Concilium. A respeito de Sobrino, confira a ampla repercussão dada pelo site do IHU em suas **Notícias do Dia**, bem como o artigo “A hermenêutica da ressurreição em Jon Sobrino”, publicado na editoria Teologia Pública e escrito pela teóloga uruguaia Ana María Formoso, na edição 213 da **IHU On-Line**, de 28-03-2007. Ver também, de Formoso, o ensaio “Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino”, nos **Cadernos Teologia Pública** nº 29. Além de teóloga, Ana Formoso trabalha no IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ Sobre o documento, foi publicada uma entrevista nas **Notícias do Dia**, no site do IHU. Os entrevistados foram o Doutor em Letras e padre jesuíta, Hilário Dick, e o padre e assessor nacional do Setor Juventude da CNBB, Gisley Azevedo Gomes. A entrevista, intitulada “Juventude é o tema de importante documento da CNBB”, foi publicada no dia 06-06-2007 e pode ser conferida no site do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da **IHU On-Line**)

“O Documento de Aparecida realça a fé do povo simples como a grande riqueza da América Latina”

Entrevista com Mario de França Miranda

Mario de França Miranda é padre jesuíta e professor no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Graduado em Filosofia, também é mestre em Teologia, pela Faculdade de Teologia da Universidade de Innsbruck, da Áustria, e doutor em Teologia, pela Universidade Gregoriana, da Itália, com a tese intitulada *A autocomunicação de Deus em Karl Rahner*. É autor de vários livros, entre os quais citamos **Existência cristã hoje** (São Paulo: Loyola, 2005). Miranda já concedeu três entrevistas à **IHU On-Line**: a primeira na 186ª edição, de 26 de junho de 2006, sobre “Inácio de Loyola, os jesuítas e a modernidade”; a segunda na 219ª edição, de 14 de maio de 2007, sob o título “A Igreja não dispõe nem de poder nem de solução mágica para resolver a questão da maioria de seus fiéis, que são pobres”, na qual fala também sobre a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – V Celam; e a terceira na 224ª edição, de 18 de julho de 2007, sob o título “O Documento de Aparecida realça a fé do povo simples como a grande riqueza da América Latina”, na qual analisa o documento conclusivo da V Conferência, realizada em Aparecida no mês de julho de 2007. Reproduzimos, a seguir, as duas últimas entrevistas. Vale lembrar ainda, que França Miranda participou de toda a conferência e contribuiu, como assessor, na redação do documento. Ele encontra no documento “uma tomada de consciência mais ampla de que a época da cristandade já passou, de que a Igreja não pode se limitar a uma pastoral de manutenção do que já tem e de que, numa sociedade pluralista e secularizada, ela deve ter uma postura mais ativa na proclamação de sua mensagem”.

IHU On-Line – Em que sentido podemos comparar a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – V Celam com as conferências realizadas em Medellín, Puebla e Santo Domingo? Quais são as principais novidades de Aparecida?

Mario de França Miranda – Eu diria, primeiramente, que se trata do dinamismo apostólico que estava subjacente aos debates e aos textos parciais durante a realização da V Conferência. Este fato significa uma tomada de consciência mais ampla, por parte do episcopado presente, de que a época da cristandade já passou, de que a Igreja não pode se limitar a uma pastoral de manutenção do que já tem e de que, numa sociedade pluralista e secularizada, ela deve ter uma postura mais ativa na proclamação de sua mensagem. Esta idéia de que toda a Igreja é missionária afetará diretamente as pastorais, as estruturas e o posicionamento dos grupos sociais dentro da própria Igreja. Se medidas serão tomadas, para que mudanças sejam realmente efetuadas, já é uma outra questão. Outra novidade, pela ênfase que recebeu, concerne ao laicato. Havia uma concordância tácita de que a ação pastoral de leigos e leigas será decisiva para o futuro. Assim, boa parte do texto final é dedicada à identidade do discípulo de Jesus Cristo, à sua formação, à sua missão e à sua inserção na Igreja. Ainda poderíamos mencionar a emergência de etnias minoritárias (indígenas e afrodescendentes) como sujeitos na sociedade e no interior

da comunidade eclesial, bem como a preocupação com a família, com o meio ambiente, com a Amazônia, com os migrantes.

IHU On-Line – Quais seriam, de maneira sintética, as três grandes luzes de Aparecida e quais as três grandes sombras?

Mario de França Miranda – Central mesmo no Documento de Aparecida é o personagem “discípulo missionário”. Já presente no próprio motivo da V Conferência, a saber, “discípulos missionários de Jesus Cristo para que nossos povos nele tenham vida”, estará também presente nos debates nas subcomissões, nas comissões e nos plenários. Outro ponto positivo me parece ter sido a maior liberdade de expressão, o diálogo mútuo, o acolhimento da diversidade, que explicam que a riqueza seja a variedade de pontos de vista presentes no documento. Não considero sombra, mas teria gostado que tivesse havido uma maior consciência por parte dos bispos da importância da Igreja latino-americana para a Igreja Universal. Somos diferentes, temos algo novo a oferecer. Devemos lutar por uma configuração eclesial mais próxima a nossos povos, pois temos uma religiosidade rica e que já não se encontra mais em outras partes. Neste sentido, poderia ter sido assinalado, ao lado da ênfase dada à eucaristia na vida cristã, também a crônica falta de sacerdotes e as comunidades desprovidas de padres. Outra deficiência se deu nas cristologias presentes no documento, que recebem acentuações diversas conforme a parte onde aparecem.

IHU On-Line – O texto do documento final aponta uma retomada do método ver-julgar-agir. Brevemente, como isso aparece no documento? O que faz parte do ver, do julgar e do agir a partir de Aparecida? Qual é a pertinência deste método hoje?

Mario de França Miranda – Sem dúvida alguma, a grita dos episcopados pedindo a volta do método ver, julgar e agir, em resposta ao documento de preparação, fez com que, na “Síntese” destas reações, o método fosse restabelecido, embora com iluminações introdutórias bíblicas em cada uma de suas partes. Também em Aparecida, houve tensões com relação a este método, que

exigiram mudanças nas várias redações. Ele aparece nas três partes do documento final. Primeiramente, um olhar qualificado, de discípulos missionários sobre a realidade social e sobre a Igreja; em seguida, a descrição do que constitui o discípulo missionário; e, numa terceira parte, sob o tema amplo da vida, a parte que corresponderia ao agir. Ponho no condicional, pois, também aí, se encontram elementos doutrinários, explicativos, teóricos. O método continua válido porque a Igreja não é um fim em si mesma, mas está a serviço do Reino, devendo levar à sociedade a salvação de Jesus Cristo. Como poderá ela fazê-lo a não ser com um conhecimento adequado desta sociedade?

IHU On-Line – Como seria a renovação da ação da Igreja que os bispos pretendem impulsionar a partir das conclusões do documento final de Aparecida? O que faria parte desta renovação?

Mario de França Miranda – A renovação da Igreja será uma difícil tarefa para os responsáveis. Implica o que se chama no documento de uma conversão pastoral. Esta diz respeito primeiramente à mudança de mentalidade por parte dos bispos, padres, religiosos e leigos/as. Isso não acontece da noite para o dia, pois exige tempo, paciência e constância. Mas ela concerne também às estruturas eclesiais que deverão possibilitar maior comunhão e participação. Se os participantes da V Conferência deixaram claro no texto que anseiam por um laicato consciente e adulto, então se faz mister tornar possível o surgimento do mesmo, o que não acontecerá sem mudanças. Naturalmente, estas não aparecem tão concretamente no documento como seria de se desejar. E a razão é simples. As situações existenciais, os contextos socioculturais, os desafios prementes, são realidades diversas conforme os países. Neste sentido, devemos ser realistas. Jamais um documento voltado para todo este continente latino-americano satisfará plenamente nossas aspirações, pelo simples fato de que os outros países não são o Brasil.

IHU On-Line – Aparecida confirma a opção preferencial pelos pobres e excluídos. De

que forma essa opção será posta em prática?

Mario de França Miranda – Aparecida tem um belo texto sobre a opção pelos pobres e trata positivamente das Comunidades Eclesiais de Base. Contudo, impressionou-me mais o tratamento concedido à religiosidade popular, o que é talvez inédito em nossa tradição. Tal tratamento emerge em várias partes do documento e, quando é abordado explicitamente, constitui um de seus mais belos textos, realçando a fé do povo simples como a grande riqueza da América Latina.

IHU On-Line – Antes da realização da V Conferência houve a Admoestação a Jon Sobrino. Como pode ser descrita a recepção da Teologia da Libertação em Aparecida?

Mario de França Miranda – Embora alguns participantes ainda estivessem presos ao debate de vinte anos atrás, que via na acentuação do social a negação do espiritual (ou doutrinal) e vice-versa, creio que a alocação inicial de Bento XVI e o pensamento da maioria concordava que a fé cristã tem necessariamente uma dimensão social, com um claro imperativo ético por uma sociedade mais justa. Os aplausos ouvidos nas reuniões plenárias quando se defendia a causa dos mais pobres confirmam sem mais o que afirmamos.

IHU On-Line – Que rosto de Igreja emerge da V Conferência? Quais são as suas principais características?

Mario de França Miranda – Só o futuro poderá responder a esta pergunta, pois o rosto da Igreja vai depender, e muito, dos que nela têm maior responsabilidade, como também da consciência e empenho de todos nós.

“A Igreja não dispõe nem de poder nem de solução mágica para resolver a questão da maioria de seus fiéis, que são pobres”

IHU On-Line – As amplas e rápidas transformações na realidade política, econômica, cultural e religiosa da América Latina apre-

sentam novas exigências para a Igreja latino-americana. O que o senhor destaca como as principais questões que os delegados da V Conferência precisam enfrentar, em vista da presença e ação da Igreja na América Latina?

Mario de França Miranda – Os desafios principais são vários. Elencá-los significa sempre deixar algum deles de fora. Deste modo, apontarei os que me ocorrem no momento. Primeiramente, a questão do avanço de uma sociedade pluralista e de uma cultura neoliberal numa população predominantemente católica, mas carente de uma evangelização adequada. A história da Igreja na América Latina explica bem este fato: vastos territórios, carência de clero e religiosidade medieval ibérica, o que originou um catolicismo de rezas e santos patronos. Esta religiosidade, embora sincera e profunda entre os mais simples, não resiste em muitos ao impacto da secularização, agravada pela falta de uma experiência de comunidade cristã, devido à falta de padres e à dimensão das atuais paróquias. Em seguida, o problema da violência na América Latina, provocado em grande parte pelas gritantes desigualdades sociais que perduram, numa cultura onde o valor supremo significa eficácia, produtividade e lucro. Outro desafio consiste na imagem da própria Igreja em seu aspecto institucional: autoritária, moralista, pesada, acentuando mais o pecado do que a mensagem positiva e alegre do Evangelho. Deve-se voltar ao kerigma, não de um modo simplista e ingênuo, mas apresentando a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo a uma sociedade onde falta o sentido da vida e que já começa a dar sinais de cansaço, desânimo e ansiedade. Outro problema diz respeito ao devido espaço que deve ser dado aos leigos e leigas na Igreja, para que, como cristãos adultos, possam se formar e se enfrentar com as questões postas pela atual sociedade. Durante séculos, tiveram uma presença passiva, já corrigida no Concílio Vaticano II, mas não devidamente implementada na vida eclesial concreta. Também há a impossibilidade de muitas comunidades católicas celebrarem a eucaristia, centro da vida cristã, por falta de sacerdotes, o que recoloca a questão da ordenação presbiteral dos *virii probati* na Igreja.

IHU On-Line – Como os desafios e exigências do mundo dos empobrecidos se apresentam hoje diante da Igreja da América Latina?

Mario de França Miranda – A Igreja não dispõe nem de poder nem de solução mágica para resolver a questão da maioria de seus fiéis, que são pobres. Numa sociedade pluralista, ela procura se fazer ouvir para influir no poder decisório civil e ainda estar junto aos pobres na fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo. A Igreja do Brasil não deixou de ter tal postura, que pode e deve ser melhorada. Daí sua credibilidade na opinião pública. Neste sentido, a Síntese⁶ de Aparecida reafirma a opção pelos pobres, como forte desejo do episcopado latino-americano.

IHU On-Line – Considerando que quase a metade dos católicos do mundo estão na América Latina, qual é a importância da V Conferência para toda Igreja?

Mario de França Miranda – A Igreja Católica na América Latina constitui, de fato, quase a metade dos católicos do planeta, mas este fato ainda não redundou num reconhecimento de sua importância na Igreja Universal. Em parte devido à falta de uma consciência de sua importância por parte da própria Igreja latino-americana. Naturalmente, uma maior efetivação da doutrina da colegialidade episcopal, afirmada no Vaticano II, poderá facilitar uma maior consciência deste fato. Sabemos que a América Latina já vem enviando missionários para outros países, e não só da África: sacerdotes, religiosas, leigos e leigas. Além disso, temos uma Igreja viva e atuante, na opinião dos que chegam de fora. Temos características de viver a fé que são nossas e que poderiam ser aproveitadas em outras partes do mundo. O que vai surgir sobre este ponto em Aparecida não sabemos ainda.

IHU On-Line – A redução de fiéis da Igreja Católica e sua evasão de católicos para outras igrejas ou outras religiões tem sido objeto de freqüentes análises sobre o cenário religioso latino-americano. Qual é o signifi-

cado do fato quando se trata de pensar o lugar e o compromisso da Igreja Católica em nosso Continente?

Mario de França Miranda – Os católicos, que são presas fáceis do ramo pentecostal do protestantismo, indicam, a meu ver, duas lacunas na pastoral da Igreja. A primeira, já mencionada acima, é a falta de uma verdadeira evangelização. A segunda é uma evangelização demasiado doutrinária e moral, com preceitos e normas, deixando o emocional, o festivo e o simbólico em segundo plano. Aqui entra em cheio o tema da inculturação da fé, a saber, como os latino-americanos vivem a sua fé, a partir das características irrenunciáveis de sua cultura.

IHU On-Line – Quais são as principais linhas ou referências teológicas que perpassam o Documento de Síntese? Que consequências tem isto para a prática eclesial?

Mario de França Miranda – Creio que podem ser resumidas pela relação entre discípulo-missionário (entenda-se leigo/a) e vida. A palavra vida implica uma concepção do Reino de Deus que não pode ser redutiva, nem em seu aspecto espiritual (em sentido denso) nem em seu aspecto social (vida humana digna).

IHU On-Line – Como o senhor avalia o engajamento da CNBB na preparação da V Conferência? Quais são os principais elos entre a Assembléia de Itaici e a Assembléia de Aparecida?

Mario de França Miranda – A relação da CNBB com os demais países do Celam é aquela possível, dada a variedade dos contextos socioculturais e eclesiais. Creio que os problemas são muito semelhantes, mas vistos diversamente pela diversidade acima mencionada. Temos que aceitar que um texto do Celam não pode reproduzir o que os bispos brasileiros gostariam de ter. Aqui todos devem ceder um pouco, fazer emergir o que há de comum e enfatizar os pontos-chave que tocam a todos.

⁶ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. *Síntese das contribuições recebidas* (São Paulo: Paulinas e Paulus, 2007). (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line – A caminhada rumo a Aparecida está evidenciando um expressivo pluralismo interno à Igreja e, portanto, o desafio do diálogo no interior da própria Igreja. Em que medida a Igreja latino-americana é capaz deste diálogo interno?

Mario de França Miranda – A Igreja da América Latina, mesmo com sua rica diversidade, representa quase a metade dos católicos e aparece como uma Igreja viva, apesar de suas deficiências e carências. Julgo que esta visita de Bento XVI vá ajudar para um maior diálogo e cooperação com a Igreja Universal. Muita coisa só se aprende pela experiência direta, pois os relatórios de terceiros podem ser tendenciosos. Este contato liberto de preconceitos poderá ajudar a uma mais verdadeira configuração da Igreja da América Latina, com benefício para todo o Povo de Deus desta região.

IHU On-Line – Enquanto pesquisador em teologia do diálogo inter-religioso, qual é a sua apreciação sobre esta questão no contexto da V Conferência?

Mario de França Miranda – Não creio que o tema do diálogo inter-religioso será importante

neste encontro. Já não afirmo o mesmo do ecumenismo, dado o fato de que sofremos com as seitas proselitistas, que deixam atrás de si, muitas vezes, um rastro de indiferença religiosa e de ceticismo, rastro este constituído pelos fiéis frustrados em seus sonhos de realização. Como manter o diálogo com os protestantes e, ao mesmo tempo, defender a Igreja destas seitas? A queda no número de católicos é vista aqui com mais reserva do que é noticiado pela mídia. Apontar este fato como razão da vinda do Papa é muito simplismo.

IHU On-Line – Como o senhor avalia a presença do Papa no Brasil?

Mario de França Miranda – Certamente, o Papa está experimentando algo novo em sua vida e me parece que está gostando. As liturgias têm conseguido unir a dimensão cültica com um espaço para manifestações mais afetivas e brasileiras, que não destoam por provirem do coração do povo. E o Papa está captando isso muito bem. Não só não as restringe, como ainda as provoca, fazendo-nos relembrar João Paulo II.

Uma reflexão sobre o pluralismo religioso a partir de Aparecida

Entrevista com Faustino Teixeira

Faustino Teixeira é professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais (PPCIR-UFJF). É doutor e pós-doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. Faustino é autor de vários livros sobre a teologia do diálogo inter-religioso. Ele é um dos grandes parceiros do IHU. Entre suas obras, citamos os livros, por ele organizados, **Nas teias da delicadeza** (São Paulo: Paulinas, 2006) e **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas** (Petrópolis: Vozes, 2006), este em parceria com Renata Menezes. Pierre Sanchis fez uma resenha deste livro que foi publicada na revista **IHU On-Line**, número 195, de 11 de setembro de 2006. Confira, também, uma entrevista com Faustino na edição de número 209 da **IHU On-Line** com o tema “Por que ainda ser cristão?”; uma resenha feita por ele sobre o filme **O grande silêncio**, publicada na edição de número 212 da revista **IHU On-Line**, de 19 de março de 2007; uma entrevista sobre a Teologia da Libertação, publicada na edição de número 214 da **IHU On-Line**, de 2 de abril de 2007; e outra entrevista sobre o poeta persa Rûmî, na edição de número 222, de 4 de junho de 2007.

“As Igrejas deveriam se preocupar menos com a dinâmica conversionista e mais com sua mútua conversão em favor de um trabalho comum na luta contra os sofrimentos que abalam os seres humanos e a terra onde habitam”, afirma Faustino Teixeira, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, em 18 de julho de 2007, na qual analisa o documento final da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – V Celam, que aconteceu no mês de maio, em Aparecida, São Paulo.

IHU On-Line – Quais são as principais novidades da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – V Celam, em relação a Medellín, Puebla e Santo Domingo?

Faustino Teixeira – Não tendo participado da V Conferência, minhas respostas correspondem a uma reação feita sobre a versão não oficial publicada após o evento. O que percebo, após ler o longo documento, é que ele conseguiu corresponder positivamente a aspectos importantes da vida eclesial latino-americana, superando a tendência mais restritiva presente nos dois textos preparatórios: o documento de participação e a síntese das contribuições recebidas para a V Conferência. Percebe-se, de forma clara, o papel positivo exercido pelas diversas forças eclesiais nas mobilizações que antecederam e acompanharam a Conferência de Aparecida. Não sei se podemos falar propriamente em novidades, mas revela-se positiva a retomada do filão eclesial que marcou, por exemplo, as conferências de Medellín e Puebla: o método ver-julgar-agir (n. 19), o reforço da opção pelos pobres (ns. 405-406) e pelas comunidades eclesiais de base (ns. 193-195). Vale também registrar o firme posicionamento do documento com respeito à questão social, em favor de uma “globalização diferente”, pontuada pela solidariedade e a luta em favor da justiça (n. 64), além da defesa da biodiversidade e o cuidado com o meio ambiente (ns. 66, 84, 86, 492, 493).

IHU On-Line – Quais seriam, de maneira sintética, as três grandes luzes de Aparecida e quais as três grandes sombras?

Faustino Teixeira – Com respeito às luzes, podemos mencionar a posição firme do episcopado

na crítica aos efeitos perversos da globalização, a afirmação de uma globalização solidária, a firme defesa do meio ambiente, de modo particular a causa amazônica, e a reafirmação da opção pelos pobres. A propósito das sombras, podemos sublinhar a manutenção de uma perspectiva teológica cristocêntrica eclesiocentrada, a concepção restrita de evangelização e a timidez no âmbito do ecumenismo e do diálogo inter-religioso. Gostaria, aqui, de me deter um pouco mais na questão das sombras, pois são aspectos que traduzem desafios importantes para o futuro da atuação eclesial no continente. Em razão da preocupação do episcopado latino-americano com a quebra da homogeneidade católica no continente, com a “debilidade” e fragilização da fé cristã e a conseqüente “sangria” para outras formas de expressão religiosa ou seculares, firma-se uma compreensão de evangelização, na qual Jesus Cristo e a Igreja Católica ocupam um lugar central. Este projeto já estava bem delineado no discurso do papa Ratzinger, na abertura da V Conferência, que definiu os rumos da Conferência neste âmbito particular. Na perspectiva do documento conclusivo, Jesus Cristo traduz a “plenitude da revelação para todos os povos” (n. 95 e 548). E já estava presente no “desejo” dos povos originários, que por ele ansiavam silenciosamente (n. 4). O documento indica que aceitar a Cristo é garantir a paz e a felicidade, e esta aceitação se dá na Igreja católico-romana, que abriga “tudo o que é bom, tudo o que é motivo de segurança e de consolo” (n. 262). A compreensão de evangelização é bem precisa, na linha do discurso que o papa Ratzinger fez aos bispos brasileiros na Catedral da Sé, em São Paulo. A evangelização vem entendida numa linha de explicitação do anúncio bem marcada: uma evangelização “metódica e capilar”, visando à adesão a Jesus Cristo. Falta, a meu ver, uma reflexão mais aprofundada sobre o significado da evangelização no tempo do pluralismo religioso. Mais do que en-

cerrar a revelação numa definição restrita da “proclamação cristocêntrica” (n. 29), é necessário ampliar a visão para captar o significado da evangelização como um exercício partilhado em favor da renovação da humanidade (EN 18), de testemunho dos valores essenciais do reino de Deus, que é o único absoluto (EN 8).

O pluralismo religioso

No tempo do pluralismo religioso, não há por que manter a idéia de que Jesus é o único caminho de vida que leva a Deus e de que o cristianismo é um “imperativo categórico” universalizante. Esta é uma visão devedora de uma perspectiva tradicional, que expressa uma clara teologia do acabamento ou da realização, como se a manifestação de Deus em Jesus Cristo colocasse um ponto final na história da religião e nas manifestações reveladoras de Deus. Na visão do lúcido teólogo Claude Geffré⁷, recentemente impedido pela Congregação para a Doutrina da Fé de receber um título de doutor *honoris causa* numa universidade católica do Congo⁸, “a vocação histórica da Igreja não é o crescimento quantitativo dos cristãos, mas, em diálogo com todos os homens e mulheres de boa vontade, o testemunho em favor do reino de Deus que vem”.

O ecumenismo e o diálogo inter-religioso

Com respeito aos temas do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, vale também uma reflexão particular. Talvez esteja aqui um dos pontos mais frágeis do documento, mas que está em coerência com a dinâmica atual da conjuntura eclesial, bem mais afeita ao anúncio que ao diálogo. Os números que tratam o ecumenismo ainda estão um pouco melhores. Seguindo a pista da carta en-

⁷ Claude Geffré: teólogo, frade dominicano, francês, professor honorário do Instituto Católico de Paris. É autor, juntamente com Régis Debray, do livro *Avec ou sans Dieu ? - Le philosophe et le théologien* (Paris: Bayard, 2006). No ano passado, publicou o livro *De Babel à Pentecôte - Essais de théologie interreligieuse* (Paris: Cerf, 2006). Em português, a Editora Vozes traduziu o livro *Crer e interpretar*, em 2004. Confira uma entrevista exclusiva que ele concedeu à *IHU On-Line* na edição número 207, de 4 de dezembro de 2006, intitulada “Retorno religioso”. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ Sobre o assunto, pode ser conferida, no site do IHU, a notícia intitulada “Vaticano proíbe que Claude Geffré, teólogo francês, receba título no Congo”, do dia 09-05-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

cíclica de João Paulo II, *Ut unum sint*⁹ (UUS 3), o documento assinala o caráter irreversível do ecumenismo (n. 243) e sua exigência evangélica (n. 244). Mas, em seguida, reitera a necessidade da reabilitação da apologética, da afirmação “clara e convincente” das convicções de fé (n. 245). O documento patina ao trabalhar o tema, expressando uma dificuldade real de acolher a diversidade como um valor, ou a rica idéia de uma “diversidade reconciliada”. O predomínio de uma visão eclesiocentrada impede reconhecer, na linha do que foi afirmado no Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo, que, na Providência de Deus, outros cristãos passarão toda a sua vida cristã em outras Igrejas, e isto não deve impedir aos católicos de se alegrar com a dinâmica da graça de Deus que frutifica entre eles (cf. Diretório... n. 206). Não há por que manter afirmando, com arrogância, que a Igreja Católica é a única que possui a “plenitude dos meios de salvação” (DI 22) e que só nela é que se verifica a “única verdadeira religião” (DI 23). É verdade, como mostra o documento final, que o contato ecumênico favorece a “estima recíproca” e convida à conversão (n. 248). Trata-se, porém, de uma metanóia¹⁰ “mais profunda de todos para Deus” (DA 41) e não de um “empenho ecumênico” que leve à “plena comunhão na unidade da Igreja”, que subsiste na Igreja Católica. Quanto ao diálogo inter-religioso, o documento é bem mais tímido. Fala-se da prioridade que deve ser dada ao diálogo com as religiões monoteístas, o que limita o seu campo de ação num continente com outras tantas diversas presenças religiosas. Fala-se do diálogo com os olhos voltados para o anúncio (n. 254), deixando-se ofuscada a idéia essencial de que o

diálogo tem “seu próprio valor” (DA 41). Há um reconhecimento positivo e rico da alteridade dos povos indígenas e afro-brasileiros (n. 89), mas a real abertura ao valor irreduzível de sua religiosidade fica ofuscada pela recorrente imagem das “sementes do Verbo” que presidem sua expressão vital (ns. 4,92, 548). Em sintonia com o discurso do papa Ratzinger, na abertura da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – V Celam, o documento sublinha a importância da manutenção da fé católica nas comunidades indígenas (n. 550).

IHU On-Line – Quais são as principais mudanças que estão acontecendo em nosso continente e no mundo e que interpelam a evangelização? A V Conferência consegue responder aos desafios destas mudanças?

Faustino Teixeira – Penso, em particular, no desafio do crescente pluralismo religioso. Não há por que continuar mantendo uma reflexão teológica eclesiocentrada num tempo de complexa diversificação religiosa. A Igreja e a teologia vêm sendo desafiadas a buscar uma nova perspectiva de inserção e uma “purificação” de sua memória e afirmação de uma nova linguagem para dar conta desse desafio essencial. Como mostrou Jacques Dupuis¹¹, em sua última obra, *O cristianismo e as religiões*¹², “a terminologia teológica, usada até hoje por muitos pregadores cristãos, e até por alguns teólogos, mantém ainda vestígios de um vocabulário nocivo em relação aos ‘outros’”.

IHU On-Line – Qual é a importância de difundir na cultura de nossos povos a “fé em

⁹ *Ut unum sint*: Encíclica de João Paulo II (25.5.1995) sobre o ecumenismo, convidando católicos e irmãos separados a esquecerem fraquezas e erros passados e a procurarem os caminhos da unidade, cumprindo o voto do Concílio Vaticano II. No primeiro capítulo, lembra as exigências da renovação da Igreja, da proposição da doutrina certa, da oração, do diálogo e da celebração com os irmãos separados. No segundo, refere os frutos do diálogo com a Igreja do Oriente e com as Comunidades separadas do Ocidente. No terceiro, apela a um esforço cada vez maior da parte da Igreja Católica para se chegar à plena unidade. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ Metanóia: palavra grega que significa “conversão”. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ Jacques Dupuis (1923-2004): teólogo jesuíta de grande importância para a teologia cristã do diálogo inter-religioso. Foi acusado pelo Vaticano em 2001 por causa de suas teses sobre o pluralismo religioso que, segundo o Vaticano, contém “notáveis ambigüidades” e levam a “opções perigosas”, a propósito do seu livro **Para uma Teologia Cristã do pluralismo religioso** (Bréscia: Queriniana, 1997). (Nota da **IHU On-Line**)

¹² DUPUIS, Jacques. **O cristianismo e as religiões: do encontro ao desencanto** (São Paulo: Loyola, 2004). (Nota da **IHU On-Line**)

Deus-Amor”? Como isso se aplica no dia-a-dia da Igreja e do povo de Deus?

Faustino Teixeira – Penso que o desafio mais fundamental diz respeito ao testemunho dos valores essenciais, do trabalho conjunto em favor da recuperação da dignidade da criação e do exercício da compaixão. Temos, sim, que recuperar a dimensão de profundidade que anda meio esquecida em nosso tempo. E esses valores não são prerrogativas únicas das religiões. Seguindo uma pista favorecida pelo teólogo Paul Tillich¹³, precisamos abrir espaços para a “profundidade” de nossa existência. E “quem conhece a profundidade, conhece a Deus”. As Igrejas deveriam se preocupar menos com a dinâmica conversionista e mais com sua mútua conversão em favor de um trabalho comum na luta contra os sofrimentos que abalam os seres humanos e a terra onde habitam. Panikkar¹⁴ fala no essencial desafio da cultura da paz para as religiões: o de concentrar as energias para “curar as feridas humanas” e as “pragas históricas da humanidade”.

IHU On-Line – Qual é o lugar e a importância do tópico “Família” no documento final? Pode falar sobre a importância de se “promover uma cultura do amor no matrimônio e na família e uma cultura de respeito à vida na sociedade”, que aparece no documento?

Faustino Teixeira – Neste campo, há ainda um longo caminho a ser percorrido pela Igreja. A compreensão de família que vigora no documen-

to, recorrente na Igreja católico-romana, é bem tradicional. É um campo onde a Teologia não consegue avançar muito, pois as resistências do magistério eclesial são contundentes. Em seu livro-entrevista de 1985, *Rapporto sulla fede*¹⁵, o cardeal Ratzinger assinalou que é no âmbito da teologia moral que ocorrem as principais tensões entre o magistério e os teólogos. Aqueles que ousam uma reflexão mais aberta sobre o tema encontram barreiras dolorosas em seu caminho. Há, no documento, passagens bem preconceituosas contra novas possibilidades de relacionamento afetivo, que são englobadas no que vem definido como “ideologia de gênero” (n. 40). Em defesa do que consideram o “patrimônio da humanidade”, os bispos reiteram o posicionamento tradicional da Igreja católico-romana sobre a família, marcando uma posição firme e intransigente contra quaisquer novidades que possam ocorrer no campo da reflexão a respeito do tema. São duras as críticas contra o aborto, definido como “crime abominável”, contra a eutanásia e outros “delitos graves contra a vida e a família” (n. 455). A família vem definida de forma bem clara, enquanto “fundada no sacramento do matrimônio entre uma mulher e um homem” (n. 452). Mantém-se também a terminologia tradicional e pejorativa com respeito àqueles que não tiveram sucesso no primeiro casamento e buscam realizar-se numa nova união. Fala-se em “situação irregular” de tais matrimônios, ainda que se proponha um acompanhamento cuidadoso e compassivo aos que vivem numa semelhante situação (n. 456 j).

¹³ Paul Tillich (1886-1965): teólogo alemão, mais tarde naturalizado norte-americano. Suas pesquisas contribuíram também para o existencialismo cristão. Tillich é tido, ao lado de Karl Barth, como um dos mais influentes teólogos protestantes do século XX. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁴ Raimon Panikkar: padre e teólogo, nascido em Barcelona, em 1918. Durante a sua carreira acadêmica teve a oportunidade de abordar diferentes tradições culturais. Publicou mais de 40 livros e 300 artigos de filosofia, ciência, metafísica, religião e hinduísmo. Atualmente, é membro do Instituto Internacional de Filologia (Paris) e presidente do Vivarium (Centro de Estudos Interculturais da Catalunha). (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁵ *Rapporto sulla fede, Vittorio Messori a colloquio con il cardinale Joseph Ratzinger* (3. ed. San Paolo: Cinisello Balsamo, 1998). (Nota da *IHU On-Line*)

“O Documento de Aparecida é o ponto mais alto do Magistério da Igreja latino-americana e caribenha”

Entrevista com Clodovis Boff

Clodovis Boff é frade da ordem dos Servos de Maria. Possui graduação em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Mogi das Cruzes, graduação em Teologia, pela Universidade Católica de Lovaina, e doutorado em Teologia, pela Universidade Católica de Lovaina. É autor de vários livros, entre os quais citamos **Uma Igreja para o novo milênio** (5. ed. São Paulo: Paulus, 2003). Atualmente, é professor de Teologia na Universidade Católica de Curitiba. Ele concedeu uma entrevista à **IHU On-Line** na edição de número 125, de 29 de novembro de 2004, sob o título “As forças vivas da Igreja sentem necessidade de um oxigênio participativo”, que foi posteriormente republicada no **Cadernos IHU em Formação** número 8, de 2006, intitulado **Teologia Pública**.

Em entrevista exclusiva, concedida por e-mail à revista **IHU On-Line**, em 18 de julho de 2007, o frei Clodovis Boff afirmou que o documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – V Celam “é uma surpresa do Espírito, pois nada deixava prever um texto dessa qualidade. É também um milagre da Mãe Aparecida, a quem o Santo Padre tinha confiado a direção da Assembléia”. E, muito otimista, continua: “O documento da V Conferência não só dá mais um passo em frente, mas abre uma ‘nova fase’ na missão da Igreja no Continente. A sensação que passa é que ‘agora vai’”.

IHU On-Line – O que o documento final da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe – V Celam traz de novidade em relação às conferências anteriores?

Clodovis Boff – O Documento de Aparecida é, a nosso ver, o ponto mais alto do Magistério da Igreja latino-americana e caribenha. É o melhor documento produzido até hoje pelos nossos bispos e talvez por qualquer outro episcopado regional. Ele recapitula o que há de melhor nas Celams anteriores, e isso dentro de um quadro teológico muito mais rico, seguro e homogêneo. O documento é uma surpresa do Espírito, pois nada deixava prever um texto dessa qualidade. É também um milagre da Mãe Aparecida, a quem o Santo Padre tinha confiado a direção da Assembléia. A meu ver, o documento da V Conferência não só dá mais um passo em frente, mas abre uma “nova fase” na missão da Igreja no Continente. A sensação que passa é que “agora vai”. É que o documento apresenta uma estrutura teológica e pastoral harmônica bem centrada. Acertando o passo com lógica específica da vida da fé, o documento se estrutura articulando os seguintes elementos: fé viva em Cristo a partir de uma experiência de encontro (“discípulos”), fé essa que se irradia no mundo em forma da missão (“apóstolos”) e que se prolonga na sociedade em termos de compromisso pela justiça e pela vida (“para que n’Ele nossos povos tenham vida”). Aqui, cada coisa está no seu lugar: a fé em Cristo no começo, como fundamento de tudo; a evangelização como primeiro desdobramento espontâneo dela; e, enfim, a missão social como seu necessário desdobramento ulterior. Este é o “fio vermelho” que permeia todo o documento e lhe dá unidade. Está aí, a meu ver, a chave geral que abre as riquezas de todo o texto episcopal. A principal novidade do documento? É a própria boa-nova do Amor de Deus a ser experimentado,

anunciado e projetado na vida. Essa é a “prioridade das prioridades”, a prioridade originária e permanente, que a Igreja é chamada a anunciar e a re-anunciar sem descanso. A partir dessa novidade perene, o documento coloca as outras novidades.

IHU On-Line – Sinteticamente, quais seriam as três grandes luzes do Documento de Aparecida e as três grandes sombras?

Clodovis Boff – O grande acerto do Documento de Aparecida é ter recolocado, no início e na base de tudo, a fé viva em Cristo. “Começou pelo começo”, isto é, por onde começou historicamente a vida da Igreja e por onde recomeça a cada dia. Fazendo assim, os bispos encontraram a embocadura certa para relançar a missão evangelizadora do Continente: partir em tudo e sempre de Cristo. Sabe-se – e Aristóteles o declara – que achar o princípio é sempre a coisa mais difícil e também a mais decisiva, mas uma vez achada, tudo se torna fácil e se põe em ordem. O documento apresenta a fé como um evento existencial, como uma “experiência de encontro”. Trata-se de um encontro vivo com a pessoa viva de Jesus Cristo. Entender a fé assim constitui uma redescoberta decisiva da V Conferência, pois supera uma idéia de fé entendida como simples aceitação de doutrinas, ou como opção ética, ou ainda como mera tradição cultural, como é em grande parte o nosso catolicismo. Fazendo assim, o episcopado latino-americano se põe em cheio no campo da espiritualidade, a parte mais íntima e vital da fé.

Um catolicismo de “iniciados”

Para operacionalizar pastoralmente a idéia de uma fé como “encontro com Cristo”, fonte de tudo o mais, os bispos propõem o “itinerário” de uma primeira “iniciação à vida cristã” (cap. VI).

Entendem por aí introduzir “mistagogicamente” os afastados da fé à escuta da Palavra, à oração pessoal e à eucaristia. Pois só um catolicismo de “iniciados” é realmente evangelizador, socialmente fecundo e eficazmente resistente ao secularismo moderno assim como aos proselitismos atuais. Quanto às sombras, vamos com calma e respeito, pois se trata aqui de um documento de nossos pais e guias na fé. Mas, francamente, não percebemos sombras que mereçam reparo. O que talvez possa acontecer seria a tentativa de jogar sombras sobre o documento por parte dos grupos que pretendem levar a Igreja por caminhos pouco sintonizados com o sopro do Espírito.

IHU On-Line – Qual é a importância de difundir na cultura de nossos povos a fé em Deus-Amor, e como isso se aplica no dia-a-dia da Igreja?

Clodovis Boff – A mensagem de Deus-Amor é a coisa mais preciosa que a Igreja tem a oferecer ao mundo. É disso que ela vive e é para isso que ela existe. Esta é a essência mesma do Evangelho. Isso vale para todos e mais ainda para os nossos povos pobres. Estes, excluídos que são pelos poderosos, precisam sentir-se acolhidos pelo Criador e Pai, de modo a criarem coragem para viver e lutar por tão grande dignidade. Quanto à “aplicação” da mensagem do amor de Deus, deve-se dizer que, mais do que se aplicar, ela precisa ser vivida a plenos pulmões e em todo o tempo. É como uma luz que enche de beleza, energia e calor cada realidade da vida, desde o eros até à vida na pólis. A evangelização objetiva despertar antes de tudo essa paixão mística e esse deslumbramento espiritual. Se a fé é bastante intensa, ela mesma encontra suas formas concretas de se manifestar. Pois, como disse Nietzsche¹⁶, “quem tem um porquê sempre encontra um como”. Quanto à operacionalização pastoral do anúncio do Evangelho do

¹⁶ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998); *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916); e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jornalista cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “Nietzsche e Paulo”. A edição 15 do *CADERNOS IHU em Formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da *IHU On-Line*)

Amor, os bispos propuseram concretamente uma “grande missão continental” (n. 376-8). Esta objetiva mobilizar todas as forças vivas da Igreja para “sair ao encontro” dos distantes. E isso não com intenções de proselitismo ou de reconquista, mas para partilhar a alegria do Evangelho e comunicar as maravilhas da vida em e com Cristo.

IHU On-Line – A Assembléia de Aparecida confirmou a “opção preferencial pelos pobres”. Como essa opção vai ser posta em prática?

Clodovis Boff – Em Aparecida, a opção pelos pobres ganhou uma nova amplitude. Foram identificados “novos rostos” da pobreza: os desempregados, os refugiados e migrantes, os aidéticos e os tóxico-dependentes, a população de rua, as mulheres vítimas da violência e exploração sexual, os presos e tantos outros rostos mais. Mas é, sobretudo, a qualidade desta opção que é mais sublinhada pelo documento. Trata-se de uma opção verdadeiramente evangélica, no sentido de vir banhada e mesmo encharcada da fé em Cristo. E isso tanto em sua origem (ela nasce do encontro com o Filho de Deus, “que de rico se fez pobre”) quanto em seu exercício (ela vibra com os sentimentos do coração do Bom Pastor). Quanto às aplicações concretas, além das indicações práticas que dão, os bispos apelam para a “imaginação da caridade”, a que se referiu João Paulo II.

IHU On-Line – Qual é a importância do tópico “família” e da necessidade de “promover a cultura do amor no matrimônio e na família, assim como o respeito pela vida”.

Clodovis Boff – A Igreja sempre viu na família uma instância privilegiada da transmissão da fé

como também dos valores humanos, inclusive sociais. Em verdade, entre todas as agências de transmissão de valores, a família é a primeira e mais importante pela influência capilar, profunda e a longo termo que exerce sobre os filhos. Não é, pois, verdade que ela é mais vítima da problemática social do que agente de mudanças. Esta é uma visão falsa e derrotista. Como “célula da sociedade”, uma família sadia leva a uma sociedade sadia. Mas, se essa célula é cancerosa, toda a sociedade pode entrar em metástase. A vocação específica da família é particularmente urgida no contexto atual de relativismo e de niilismo, no sentido de resistir a e mesmo de reverter o atual processo de desagregação dos valores, inclusive os mais naturais, como o amor à vida, a família heterossexual e a solidariedade humana.

IHU On-Line – Que rosto de Igreja emerge da V Conferência? Quais seriam suas principais características?

Clodovis Boff – Será o tipo de Igreja que cumprir o lema da Conferência, devidamente desenvolvido no Documento de Aparecida. Portanto, será em primeiro lugar, uma Igreja “discipular”: ouvinte da Palavra, meditadora, grande orante, contemplativa, adoradora, doxológica e eucarística. Depois, será uma Igreja “missionária”, que anuncia com alegria e entusiasmo a Boa-nova do amor de Deus em Cristo, como o que enche de sentido o coração do ser humano, também nesta vida. Será, enfim, uma Igreja “agápica”, enquanto se faz samaritana de todos os caídos à beira das estradas do mundo, cuidando deles e curando-os.

“Aparecida significou quase uma surpresa”

Entrevista com João Batista Libânio

João Batista Libânio é licenciado em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, em Letras Neolatinas, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e em Teologia, pela Hochschule Sankt Georgen, em Frankfurt, Alemanha. É também mestre e doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) de Roma. Libânio leciona Teologia no Instituto Santo Inácio de Belo Horizonte.

É autor de uma imensa produção teológica. Entre outros, citamos os seguintes livros: **Teologia da revelação a partir da Modernidade** (5. ed. São Paulo: Loyola, 2005); **Eu creio – Nós cremos. Tratado da fé** (2. ed. São Paulo: Loyola, 2005); **Qual o caminho entre o crer e o amar?** (2. ed. São Paulo: Paulus, 2005); e **Introdução à vida intelectual** (3. ed. São Paulo: Loyola, 2006). Dele também foi publicado o artigo “Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento” no livro **A Teologia na universidade contemporânea** (São Leopoldo: Unisinos, 2005, p. 13-45), organizado por Inácio Neutzling.

João Batista Libânio é assíduo nas páginas da revista **IHU On-Line**. Na 103ª edição, de 31 de maio de 2004, publicamos uma entrevista com ele sob o título “Teologia, pós-modernidade e universidade”. Dele, também publicamos o artigo “Espaço para o diálogo”, na 136ª edição, de 11 de maio de 2005. Na edição número 150, de 8 de agosto de 2005, publicamos a entrevista “O olhar teológico sobre a paternidade”. Na 214ª edição da **IHU On-Line**, de 2 de abril de 2007, publicamos a entrevista com ele sobre a Teologia da Libertação. Confira também um artigo de Libânio, intitulado “Contextualização do Concílio Vaticano II e

seu desenvolvimento”, publicado no **Cadernos Teologia Pública** número 16, de 2005.

Referindo-se ao documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – V Celam, em entrevista à **IHU On-Line**, em 18 de julho de 2007, Libânio afirmou que “uma das novidades do texto é a importância que atribui às comunidades e vê nelas o futuro da revitalização da Igreja. Tema que atravessa todo o Documento”.

IHU On-Line – Quais são as principais novidades da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe – V Celam em relação a Medellín, Puebla e Santo Domingo?

João Batista Libânio – Há novidades que vêm do evento e outras que se originam dos textos. O evento de Aparecida distinguiu-se de Medellín pelo fato de que foi um encontro realmente de bispos. Eles mesmos tomaram as decisões da Assembléia e redigiram o texto. O papel dos assessores em Medellín foi decisivo. Depois de Medellín, perdeu muito de relevância para os bispos mesmos assumirem a tarefa. Em relação a Puebla e a Santo Domingo, Aparecida se mostrou mais envolvida com o ambiente. O fato de os bispos participarem da Eucaristia junto com o povo e experimentarem concretamente a religiosidade popular lhes terá feito bem. Em outros encontros, estiveram isolados e enclausurados no recinto dos trabalhos. Além disso, muitos outros acontecimentos entrosaram-se melhor com a Conferência. Houve um Seminário latino-americano de Teologia, coordenado pelo Conselho Nacional do Laicato do Brasil, órgão da CNBB, e bem aceito pelo Celam. A Tenda dos

mártires¹⁷ se fez presença estimuladora. A romaria das CEBS e das pastorais mostrou a visibilidade da Igreja da base. A assessoria permanente de teólogos da libertação do Grupo Ameríndia¹⁸ manteve boa relação com a Assembléia, diferentemente de outras Conferências, em que eram mal vistos.

Medellín foi uma assembléia que rompeu caminho. Puebla e Santo Domingo vieram nas pegadas. Aparecida significou quase uma surpresa. A criação do Sínodo Continental¹⁹ parecia ter assinado decreto de morte a esse tipo de Encontro. E ele aconteceu depois de delicadas tratativas e oposições importantes.

A maneira da presença do Papa variou em cada uma das Assembléias. No Rio, não houve. Pio XII²⁰ não viajava. Na Colômbia, praticamente houve a simples viagem de Paulo VI²¹ para inaugurar a Conferência, com poucas atividades além do ato de abertura. Em Puebla, João Paulo II, depois de abrir a Conferência, fez longa viagem pelo México, enquanto os bispos trabalhavam. E os discursos do Papa se faziam cada dia mais críticos no campo social, influenciando continuamente o desenrolar dos trabalhos da Conferência. Haja vista o fato de as Conclusões de Puebla citarem mais de 100 vezes a João Paulo II. Em Aparecida, Bento XVI fez os discursos antes de começar a Conferência, de tal modo que os bispos não foram surpreendidos por novas intervenções pontifícias, a não ser por uma audiência em Roma na quarta-feira, 23 de maio, em que comentou a visita ao Brasil, retificando um ponto de sua fala sobre a

primeira evangelização do Continente. Quanto às diferenças de conteúdo do texto, aparecerão nas respostas seguintes.

IHU On-Line – Quais seriam, de maneira sintética, as três grandes luzes de Aparecida e quais as três grandes sombras?

João Batista Libânio – Afirmar a relevância da experiência cristã fundamental e fundante: o encontro pessoal com Cristo no interior da comunidade da Igreja. A catequese tradicional concentra-se sobre o conhecimento teórico, e, às vezes, até mesmo abstrato da fé católica por meio de catequese verbal. Percebendo que tal catequese não oferece garantia para enfrentar os desafios da pós-modernidade que carrega as tintas no lado existencial e afetivo, uma fé racional soçobrava e os evangélicos com pregações impactantes arrasavam, para suas igrejas, os frios católicos.

Uma segunda decorre da alegria de ter-se encontrado com o Senhor. De tal experiência, brotam os desejos de segui-lo e anunciar-lhe o Evangelho do Reino da Vida aos povos latino-americanos.

E, finalmente, articulando os dois eixos da alegria do seguimento e o do impulso para a missão do católico no seio da Igreja, pensa-se, então, deslanchar ampla mobilização para uma grande Missão Continental. No horizonte, surge o sonho de uma Igreja que se movimenta de dentro de sua fé no amor de Deus em Jesus Cristo, e inspirada pelo Espírito Santo, que leve a todo o Continente mensagem de fé e vida.

¹⁷ Em uma estrutura que lembrava um circo, a “Tenda dos Mártires”, estava localizada na Avenida Itaguaçu, no caminho que levava à Basílica de Aparecida, durante toda a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – V Celam, recebendo os romeiros e promovendo, por meios das pastorais sociais, momentos de fé e reflexão. O espaço foi fruto do trabalho de 23 pastorais sociais de toda a América Latina, que fomentaram debates sobre temáticas como o desemprego, a violência e a exclusão social. (Nota da ***IHU On-Line***)

¹⁸ Grupo “Ameríndia”: organização que reúne intelectuais vinculados à Teologia da Libertação. (Nota da ***IHU On-Line***)

¹⁹ Em Santo Domingo, em 1992, no discurso de abertura da Conferência, o Papa João Paulo II, pela primeira vez, falou da possibilidade de convocar os episcopados em forma de “sínodos continentais”. Esses sínodos se realizaram, com a motivação especial de preparar o Jubileu. O Sínodo é de iniciativa do Papa e a Conferência é de iniciativa do Episcopado local, embora sempre contando com a anuência do Papa. (Nota da ***IHU On-Line***)

²⁰ Papa Pio XII: nascido Eugenio Giuseppe Maria Giovanni Pacelli (1876-1958), foi eleito Papa no dia 2 de março de 1939. Foi o primeiro Papa nascido em Roma desde 1724. Foi o único Papa do século XX a exercer o Magistério Extraordinário da infalibilidade papal – invocado por Pio IX – quando definiu o dogma da Assunção em 1950 na sua encíclica *Munificentissimus Deus*. A sua ação durante a Segunda Guerra Mundial tem sido alvo de debate e polêmica. Foi proclamado Venerável pelo Papa João Paulo II na década de 1990. (Nota da ***IHU On-Line***)

²¹ Paulo VI (1897-1978): Giovanni Battista Montini foi papa da Igreja Católica entre 1963 e 1978. Faleceu no dia 6 de agosto de 1978. Chefiou a Igreja Católica, durante a maior parte do Concílio Vaticano II, e foi decisivo na colocação em prática das suas decisões. (Nota da ***IHU On-Line***)

As sombras vêm do lado conservadoramente institucional. Até agora, o conjunto dos bispos da América Latina não superou o trauma da libertação, tanto na expressão teológica quanto na constituição de uma Igreja voltada para ela. Pesa estranho silêncio sobre a Teologia da Libertação, como se ela nunca tivesse existido nem tivesse sido uma das contribuições originais da América Latina para o consórcio teológico mundial. O próprio termo libertação aparece poucas vezes, cercado de adjetivos para tirar-lhe qualquer força real concreta.

A análise da realidade ressentida do doutrinário. Em vez de partir, de fato, de boa análise da realidade, o texto a fez preceder de considerações doutrinárias e misturou, na análise, perspectivas doutrinárias de tal maneira que não ficou claro que mediações analíticas realmente usou. Produziu um gênero misto entre análise e doutrina. Estranha-se que nem se tenha mencionado o neoliberalismo, sendo atualmente o único sistema imperante com terríveis conseqüências para os países e camadas pobres.

Uma outra sombra se origina da incoerência entre a atitude de pôr no centro da vida eclesial a Eucaristia e, ao mesmo tempo, não enfrentar o problema do ministério ordenado masculino celibatário, em vista de que se consigam ministros ordenados suficientes para a demanda de Eucaristia. E no vácuo ministerial da Igreja Católica crescem as igrejas evangélicas.

IHU On-Line – Considerando a necessidade de se iniciar uma nova etapa pastoral nas atuais circunstâncias históricas, como seria essa nova etapa pastoral?

João Batista Libânio – O texto vislumbra ampla renovação da vida do católico médio por meio de uma convocação massiva por parte da Igreja institucional. Há certo voluntarismo idealista que espera mudança a partir da consciência das pessoas. Não se percebe bem que estruturas eclesiais favoreceriam tal impulso de discipulado missionário além da atual prática pastoral sacramental. O projeto mais detalhado da Grande Missão Continental será trabalhado na próxima Assembléia Ordinária do Celam, em Cuba. Temos que esperar para ver que tipo de iniciativas se farão para marcar essa nova etapa pastoral.

IHU On-Line – Uma novidade do documento é a tentativa de revitalizar a vida dos batizados para que permaneçam e avancem no seguimento de Jesus. Como se dá essa revitalização? O que fazer para motivar os batizados na fé católica?

João Batista Libânio – A revitalização da vida do discípulo missionário parte de um fato primeiro que se traduz na alegria de ser discípulo para anunciar o evangelho do Reino da Vida. Há uma boa notícia que antecede ao cristão, que ele recebe e de que se faz porta-voz convencido. Na base de tal convicção está o encontro com Cristo, que o chama para segui-lo e o envia para o anúncio na força do Espírito Santo. A Igreja, por sua vez, oferece lugares e vocações específicas para viver tal realidade.

E o documento, em seguida, elabora longo capítulo sobre o itinerário formativo dos discípulos missionários em quatro lanços. Parte-se de uma espiritualidade trinitária do encontro com Jesus Cristo e entra-se num processo de formação, indicando os critérios e os passos que vão da iniciação à vida cristã até a catequese permanente. Finalmente, indicam-se os lugares que a Igreja oferece para a formação: família, paróquia, pequenas comunidades eclesiais, movimentos eclesiais e novas comunidades, seminários e instituições educativas. Um das linhas fortes do documento se manifesta na insistência e relevância das comunidades na vida eclesial.

IHU On-Line – Aparecida confirma a opção preferencial pelos pobres e excluídos. De que forma essa opção será posta em prática?

João Batista Libânio – A opção pelos pobres já se constituiu, como diz o próprio texto, “um dos traços que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha”. É algo tão evangélico e arraigado na vida eclesial do Continente que é caminho sem retorno. As motivações teológicas variam. Bento XVI afirma, e o documento repete que “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza”. No entanto, o texto quase não avança no nível das mediações por causa do temor de a Igreja

imiscuir-se em questões políticas. E o fato de incentivar o leigo não resolve, porque, na prática, a Igreja se identifica com o clero e este é o protagonista de tudo o que se faz. O Documento imagina que o agir consoante com a opção pelos pobres flua da fé cristológica e daí se faça criativo. As indicações permanecem na proximidade afetiva e existencial com o pobre. Já é algo, sem perguntar-se, porém, pelos movimentos sociais e outras instituições que objetivariam tal opção.

IHU On-Line – A partir de Aparecida, o que pensar das CEBs? O documento abre para uma retomada do modelo das CEBs ou este modelo já respondeu a uma época e agora se necessita outro novo modelo?

João Batista Libânio – Uma das novidades do texto é a importância que atribui às comunidades e vê nelas o futuro da revitalização da Igreja. Trata-se de um tema que atravessa todo o Documento. As CEBs são tais comunidades no meio popular. Embora tenham presença discreta, recebem incentivo. Os bispos reafirmam-nas e dão-lhes novo impulso, reconhecem que elas são sinal de vitalidade da Igreja, instrumento de formação e de evangelização, e um ponto de partida válido para a Missão Continental permanente. Constatam a ambivalência do fato de que em muitos lugares florescem e em outros minguam. No entanto, têm sido verdadeiras escolas que formam discípulos missionários do Senhor.

IHU On-Line – O documento fala da formação de leigos para a missão evangelizadora. Em que consiste esta formação?

João Batista Libânio – Qual refrão que atravessa o Documento Final, tudo começa para o cristão com o Encontro pessoal com o Senhor que o chama para viver, conviver com ele em comunhão de vida e destino. Daí lhe nasce a vocação de discípulo. De dentro dela, brota o zelo missionário. Mas tal trilogia – encontro, discipulado e missão – se vive na comunidade. E esta se chama Igreja Católica. Daí a importância de se criar a identidade católica. Para ajudar-lhe a construção, requer-se sólida formação. Avulta a importância da catequese e dos catecismos. Ainda no pontificado de João Paulo II, elaborou-se o Catecismo da Igreja Católica²² na forma ampla e mais recentemente preparou-se um Compêndio para facilitar-lhe o uso. Para o campo social, editou-se o Catecismo da doutrina social da Igreja. O Documento insiste em que a catequese não se limite ao meramente doutrinário, mas seja verdadeira escola de formação. Inclui cultivar a amizade com Cristo na oração, o apreço pela celebração litúrgica, a vivência comunitária, o serviço aos irmãos. Em termos de Igreja de Brasil, a CNBB lançou o *Livro do Católico*²³ para ajudar tal formação do leigo em vista da missão. Portanto, há quatro passos: experiência pessoal inicial da fé em Cristo, consciência da identidade católica, alegria de vivê-la e zelo missionário de levá-la aos demais pelo anúncio do Reino da Vida. O tema da vida ocupa o horizonte subjetivo e objetivo da missão.

²² O Catecismo da Igreja Católica é uma exposição da fé da Igreja e da doutrina católica, iluminado pela Sagrada Escritura, pela Tradição apostólica e pelo Magistério da Igreja. Trata-se de um texto de referência para o ensino da doutrina católica, com o qual pode-se conhecer o que a Igreja professa e celebra, vive e reza em seu cotidiano. Ele foi organizado de maneira a expor em linguagem contemporânea os elementos fundamentais e essenciais da fé cristã. Neste livro, encontram-se orientações para o católico comprometido com sua fé. O Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, que foi publicado em 2005, é uma versão concisa, em forma de perguntas e respostas, do Catecismo. O texto está disponível em nove línguas, no *website* do Vaticano (www.vatican.va), o qual também possui o texto do Catecismo em seis línguas. (Nota da *IHU On-Line*)

²³ Livro do Católico: A Edições da CNBB, lançou na 45ª Assembléia Geral da CNBB, entre os dias 1 a 9 de maio de 2007, em Itaici, o livro *Sou católico – vivo a minha fé*, como uma resposta ao anseio manifestado muitas vezes por pessoas que, confrontadas com o grande volume de informações e afirmações sobre religião, fé e moral, nem sempre conseguem ter clareza sobre a própria fé católica. Este subsídio destina-se a ajudar todos os católicos e pessoas interessadas a aprofundarem os fundamentos da fé e da vida cristã católica. Pode ser usado pelos grupos de reflexão, como aprofundamento da catequese, sobretudo na catequese com adultos. (Nota da *IHU On-Line*)

O Documento como prova do jeito latino-americano de ser Igreja

Entrevista com Vanildo Zugno

Vanildo Luiz Zugno possui graduação em Filosofia, pela Universidade Católica de Pelotas, graduação em Teologia, pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana – ESTEF –, e mestrado em Teologia, pela Université Catholique de Lyon. Atualmente, é professor assistente do Centro Universitário La Salle, professor da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana – ESTEF – e Coordenador do Curso de Teologia desta mesma escola. Também atua na formação de lideranças eclesiais no meio popular. Na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**, em 18 de julho de 2007, Zugno afirma que “é a pastoral que busca ser uma resposta aos desafios do mundo de hoje, que na realidade latino-americana se expressam nos anseios de libertação de nossos povos e nossas culturas, minorias étnicas, de gênero e etárias”.

IHU On-Line – Quais são os pontos mais positivos e quais as maiores dificuldades que o documento final apresenta?

Vanildo Zugno – O ponto mais positivo do documento é o próprio fato de sua existência, que representa a continuidade de uma busca de colegialidade pastoral na Igreja da América Latina. Talvez nós, latino-americanos, estejamos tão habituados a isso que não nos damos conta da nossa originalidade enquanto Igreja de um continente que busca caminhar conjuntamente no desejo de ser fiel a Deus e à realidade dos povos que aqui habitam. Depois da traumática experiência de Santo Domingo, muitos setores da Igreja do continente, por razões às vezes diametralmente opostas, cogitavam a não necessidade ou a não possibilidade de um novo documento colegial continental. E o

documento, agora, está como prova desse jeito latino-americano de ser Igreja. Mas é bom ressaltar que o “documento de Aparecida” deve sua existência e sua qualidade, em grande parte, ao “evento de Aparecida”, ou seja, ao conjunto de atividades eclesiais e sociais que reuniram, em Aparecida e seus arredores, diversas expressões desse jeito de ser Igreja na América Latina e Caribe: tendas, romarias, rezas, seminários pastorais e teológicos, presença de gente simples do povo cristão e de outras expressões religiosas. Outro ponto positivo a ressaltar é o resgate do método de pensar a fé neste continente nos seus três passos clássicos: ver-julgar-agir. Mesmo que nem sempre bem articulados no documento, são importantes porque, na reflexão, tão importante quanto o conteúdo, é o método. E esse método nos ajuda a ser “fiéis ao real”, como nos diria Jon Sobrino. Quanto aos conteúdos, cabe destacar o resgate de temas caros à tradição latino-americana: a opção preferencial pelos pobres (incluindo as novas pobrezas), pelos jovens, a justiça social e, em termos eclesiológicos, a plena cidadania eclesial das CEBs. Quanto às dificuldades, assinalo apenas duas, que, para mim, são as mais graves. A primeira é o eclesiocentrismo ou, ousaria dizer, o “catolicocentrismo”. O documento, mesmo dizendo a todo instante que somos chamados a ser missionários, “olha para dentro” da Igreja Católica. A transformação da sociedade, em vista do Reino, não é o foco principal da ação missionária. Essa quase sempre se reduz a trazer mais pessoas para a Igreja ou a melhorar a vida da Igreja. E Igreja implicitamente entendida como hierarquia... Isso é um revés na tradição eclesial latino-americana. A outra dificuldade é a das media-

ções sócio-analíticas, tanto na leitura da realidade quanto nas propostas para a ação. A falta de um instrumental para a análise da realidade faz com esta seja percebida de forma fragmentária e, muitas vezes, com um viés moralista, como se a existência de injustiças e deficiências fosse apenas uma questão do acaso ou da boa ou má vontade por parte das pessoas. Estranha-se que em todo o documento não apareçam, nenhuma vez, as palavras capitalismo, liberalismo, socialismo ou comunismo. Do mesmo modo, nas propostas de ação: de modo geral (há exceções!), apela-se mais para boas intenções do que para programas e ações concretos. Essa falta de mediações para a ação faz com que o cristianismo apareça como uma ideologia e a ação dos cristãos na sociedade se restrinja à ação individual. O casamento das duas deficiências resulta numa não explicitada tendência de volta à segurança da cristandade, historicamente impossível.

IHU On-Line – O documento fala da formação de leigos para a missão evangelizadora. Em que consiste esta formação?

Vanildo Zugno – Antes de mais nada, é de se destacar que o documento, quando fala de formação, coloca os mesmos parâmetros e as mesmas exigências fundamentais para todos, independentemente de sua função na Igreja. Isso, por si só, já é um grande passo na direção de uma eclesiologia menos piramidal e hierárquica. Antes do específico, está o comum a todos os cristãos. O documento fala em “formação integral, kerygmática e permanente” (6.2.2.1). Essa caracterização por si só já é um programa... Quero, no entanto, chamar a atenção para dois aspectos que talvez ajudem a esclarecer a questão colocada. O primeiro é aquilo que o documento chama de “as diversas dimensões” da formação (n. 297): humana e comunitária, espiritual, intelectual e pastoral-missionária. É a conjugação destas quatro dimensões que faz com que a formação seja integral. Não basta ter fé (dimensão espiritual) e sentir-se enviado e dominar técnicas de evangelização (dimensão pastoral-missionária) para ser um bom cristão e um bom evangelizador. É preciso conhecer a realidade humana no seu ser próprio (dimensão hu-

mana e comunitária) com a ajuda das ciências (dimensão intelectual). Isso é todo um programa de formação que envolve conteúdos e métodos e que nos chama a revisar os programas de formação cristã, desde a formação teológica até a catequese de iniciação. O outro aspecto que quero ressaltar é o chamado a pensar a formação cristã com o auxílio da pedagogia e através de programas construídos e vinculados à realidade local (n. 298). O necessário recurso à pedagogia nos lembra que, para formar, não basta ter boa vontade. É preciso dominar o modo de formar. A construção participativa e situada do projeto formativo lembra que a formação não pode estar desvinculada de um processo de Igreja local. Precisa ser pensada a partir e para uma comunidade cristã específica, com problemas específicos e compromissos específicos.

IHU On-Line – Como aparece no documento a solidariedade com os povos indígenas e afrodescendentes?

Vanildo Zugno – Um primeiro aspecto a destacar é o da valoração positiva das culturas indígenas e afrodescendentes (cf. n. 88 a 93). Isso deve ser dito, além do seu valor em si, também pela controvérsia levantada por Bento XVI no Discurso Inaugural a esse respeito. O Documento tem uma postura muito positiva e desafiadora nesta questão. O desafio vai em duas direções. A primeira é a de assumir, dentro da Igreja, a presença indígena e afrodescendente (n. 94). Isso é desafiador se tivermos em conta a inexpressividade da presença física destes dois componentes da população latino-americana nos espaços de decisão e ação eclesial. A Igreja Católica Latino-Americana ainda é branca, tanto na sua mentalidade quanto na sua organização. Uma segunda linha de ação, propriamente na direção da solidariedade, é a de assumir as causas indígenas. O documento é claro: a Igreja quer assumir as causas que são dos povos indígenas – defesa de suas culturas, demarcação de suas terras, educação bilíngüe e defesa de seus direitos – e, para complementar essa ação, tornar-se porta-voz dos indígenas na sociedade denunciando todas as ameaças com suas vidas e culturas (cf. não 549). Quanto aos afrodescendentes,

a ação solidária vai na mesma direção: defesa da cultura própria e diálogo fraterno e respeitoso com essas culturas (não 551). Essa atitude abre para o segundo passo: denúncia da discriminação e racismo nas diferentes expressões, defesa do acesso dos afrodescendentes à educação superior, defesa de seus territórios e afirmação de seus direitos, cidadania, projetos próprios de desenvolvimento e consciência da negritude (n. 552). São propostas audaciosas que vêm fortalecer ações pastorais de solidariedade que já se encontram em desenvolvimento no continente e que precisam ser aprofundadas.

IHU On-Line – Segundo as considerações do documento final, como deve ser a presença dos cristãos na vida pública? Como deve se caracterizar o compromisso político dos leigos por uma cidadania plena na sociedade democrática?

Vanildo Zugno – No item em que trata explicitamente a questão, o documento, infelizmente, é muito pobre (10.5). Aponta aspectos importantes, é verdade: opção pelos pobres como motivação fundamental para a ação política; preocupação com a mudança de estruturas que geram injustiça; cuidado com a compreensão do ser humano e com a vida; distinção entre comunidade política e comunidade religiosa; integridade moral etc. No entanto, o documento não fala em “como” implementar tudo isso. Só fala que os leigos devem fazer isso e a hierarquia orientar os leigos... Isso tem um sabor de neocristandade que se acreditava, desde o Vaticano II²⁴, superado! No fundo, o que há é uma deficiência eclesiológica, que não consegue superar a radical separação (para não dizer oposição) entre hierarquia e laicato e uma falta de mediações sócio-analíticas, que impedem a com-

preensão da dinâmica própria da ação política nas nossas sociedades complexas, onde o Estado (mais ou menos democraticamente controlado, conforme o caso) joga um papel fundamental. O documento não faz nenhuma referência aos partidos políticos ou à participação dos cristãos neste tipo de organização política... Como pensar o compromisso político dos cristãos sem a participação em partidos políticos? Sindicatos são mencionados uma única vez (n. 71), e para dizer que perderam sua capacidade de intervenção na sociedade... Quando fala da “Globalização da solidariedade e justiça internacional” (8.5), o Documento é muito mais concreto na indicativa de ações possíveis de serem realizadas pelos cristãos: fortalecimento da sociedade civil; defesa do bem comum; criação de oportunidades para todos, especialmente para os setores historicamente marginalizados; luta contra a corrupção; defesa dos direitos trabalhistas e sindicais; justa regulação da economia, finanças e comércio mundial; fim da dívida externa; regulação para os movimentos de capital especulativo; promoção do comércio justo e eliminação das barreiras protecionistas dos países ricos; preços justos para os produtos dos países pobres; atenção aos Tratados intergovernamentais... Juntando um aspecto com o outro, há, sim, boas indicações para se pensar a participação política dos cristãos na vida pública.

IHU On-Line – Considerando as necessidades de se iniciar uma nova etapa pastoral nas atuais circunstâncias históricas, como seria essa nova etapa pastoral?

Vanildo Zugno – A nova etapa pastoral não precisa ser iniciada. Ela já está em andamento na Igreja. Do ponto de vista do Magistério, ela se expressou com toda força no Concílio Vaticano II,

²⁴ Concílio Vaticano II: convocado no dia 11 de outubro de 1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8 de dezembro de 1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11-11-2005, o Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II – marcos, trajetórias e perspectivas. Confira, também, a edição 157 da *IHU On-Line*, de 26-09-2005, intitulada “Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos”, disponível para *download* na página eletrônica do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

foi encarnada na realidade latino-americana pela Conferência de Medellín e foi disputada em Puebla, Santo Domingo e, agora, em Aparecida. É a pastoral que busca ser uma resposta aos desafios do mundo de hoje que na realidade latino-americana se expressam nos anseios de libertação de nossos povos, culturas, minorias étnicas, de gênero, etárias... enfim, de todos aqueles e aquelas que sofrem e lutam para superar esses sofrimentos. Pastoral criativa capaz de construir novas formas de ação tais como as CEBs, as pastorais sociais, as ações e programas ecumênicos e de cooperação com outras religiões e organizações da sociedade

civil e do estado. Pastoral que tem como horizonte último o Reino e que, em função desse Reino, é capaz até mesmo de “reconstruir a própria Igreja”, numa nova e permanente eclesiogênese. Essa pastoral está presente no Documento de Aparecida. Não, é claro, de forma homogênea nem principal, pois não é esta a realidade pastoral predominante no Continente e no Caribe. Mas há espaço para ela e um espaço que muitos acreditavam perdido, mas não está!

“Da V Conferência emerge uma Igreja comprometida com a vida humana, de forma integral”

Entrevista com Geraldo Luiz Borges Hackmann

Geraldo Luiz Borges Hackmann possui graduação em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e mestrado e doutorado em Teologia, pela Pontifícia Università Gregoriana, de Roma. Atualmente é professor no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Hackmann é autor de vários livros, entre os quais citamos **A amada Igreja de Jesus Cristo. Manual de Eclesiologia como comunhão orgânica** (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003) e **O que é ecumenismo** (Porto Alegre: EST edições, 2007).

Na entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, em 18 de julho de 2007, Hackmann faz sua análise do Documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – V Cielam, realizada em Aparecida, São Paulo, em maio de 2007. Para ele, a Igreja do continente está vivendo um momento novo, considerando que o documento final “mostra a sensibilidade para com o momento histórico da América Latina e do Caribe”, e “contempla, de forma tranqüila, aspectos antes considerados impossíveis de estarem juntos”.

IHU On-Line – Quais são as principais características da Igreja que emerge da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – V Cielam?

Geraldo Hackmann – Da V Conferência, emerge uma Igreja comprometida com a vida humana, de forma integral, e sensível à situação atual. O ponto de partida é a vida, de acordo com a proposta de Jesus Cristo, que quer que todos tenham vida em plenitude (cf. Jo 10,10). Por isso, a defesa da vida, desde o seu nascimento até o seu fim na-

tural. E daí uma Igreja comprometida com a defesa da vida, contra as ameaças que hoje vem sofrendo, como o aborto e outras formas de violência contra a dignidade humana. Isso inclui a promoção integral da dignidade humana, de acordo com a opção preferencial pelos pobres, na perspectiva do amor, pois, como diz o Papa, “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza (cf. 2Cor 8,9)” (Discurso Inaugural 3). Como o documento reflete a situação atual da Igreja, pode-se afirmar que a Igreja da América Latina e do Caribe está sensibilizada com a situação atual. Os bispos, como pastores que são, conhecem a realidade eclesial e a do continente.

IHU On-Line – Qual é a importância do jovem para a Igreja hoje, considerando o documento recentemente aprovado pela CNBB e o encontro do Papa com os jovens? Como entender a pouca participação do jovem na Igreja e o que fazer para resgatar esse “rebanho”?

Geraldo Hackmann – O jovem é muito importante para a Igreja. Seguindo a tradição de João Paulo II, Bento XVI tem se referido diversas vezes à juventude, além de marcar presença no encontro internacional da juventude. No documento final, há um ponto dedicado aos jovens. Depois de enumerar os desafios, o documento cita várias linhas de ação, e, entre elas, renovar de maneira eficaz e realista a opção preferencial pelos jovens, feita em Puebla. A pouca participação dos jovens deve ser entendida dentro de um contexto amplo de des-

motivação e descristianização. Os meios de comunicação de massa têm uma grande responsabilidade neste aspecto. As dioceses poderão organizar uma pastoral de juventude mais dinâmica e missionária, para atingir os jovens de forma mais eficaz, inclusive de acordo com as orientações do novo documento da CNBB sobre a juventude.

***IHU On-Line* – Com base em Aparecida, qual é sua opinião sobre as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)? Necessitamos de outro modelo?**

Geraldo Hackmann – O documento de Aparecida contempla as CEBs. Contudo, reconhece outras formas de movimentos e comunidades eclesiais novas. As CEBs, hoje, continuam tendo um lugar importante na pastoral da Igreja, mas, ao lado de outras iniciativas pastorais. Atualmente, elas não são um modelo exclusivo de pastoral e de vivência comunitária. O capítulo quinto dedica um item às CEBs e pequenas comunidades, dentro do ponto sobre os lugares eclesiais de comunhão. Isto significa que as CEBs, além de serem um sinal de vitalidade na Igreja, são reafirmadas e impulsionadas em Aparecida.

***IHU On-Line* – O tema do impacto do aquecimento global sobre a Terra e sobre a criação mereceu uma atenção adequada da V Conferência?**

Geraldo Hackmann – O tema da ecologia também esteve presente nos debates da Conferência de Aparecida. Prova disto é a presença da Amazônia e da Antártida no documento final, quando, no segundo capítulo, há um item sobre a biodiversidade, a ecologia, a Amazônia²⁵ e a Antártida. Também o capítulo nono apresenta um item sobre o cuidado do meio ambiente. A riqueza natural do continente é um dom a ser preservado e,

por isso, há uma série de propostas e orientações sobre este tema.

***IHU On-Line* – Qual é a importância da opção pelos pobres e excluídos, que aparece no documento?**

Geraldo Hackmann – A Conferência de Aparecida confirma a opção preferencial pelos pobres, em continuidade com as conferências anteriores. Este desejo do Papa, expresso em seu discurso inaugural, foi acolhido pelos participantes da Conferência. Os discípulos e missionários estão convidados a contemplar os rostos sofridos dos irmãos, pois estes são os rostos sofridos de Jesus Cristo. A Igreja da América Latina quer continuar sendo companheira dos irmãos mais pobres. A prática dependerá de toda a Igreja do continente. Se a Igreja continuar realizando aquilo que vem fazendo nas últimas décadas a favor dos excluídos, estará colocando em prática esta opção preferencial.

***IHU On-Line* – Quais seriam, de maneira sintética, os três grandes pontos positivos de Aparecida e quais as três grandes ressalvas?**

Geraldo Hackmann – É difícil. O tempo dirá quais serão as luzes e as sombras de Aparecida. Nenhuma conferência é perfeita e não aborda tudo o que deveria. Assim como as outras conferências, Aparecida realizou-se dentro de um contexto concreto e histórico. No momento, poder-se-ão citar alguns aspectos relevantes, como a sensibilidade para com o momento histórico da América Latina e do Caribe que o documento transparece. O equilíbrio do documento, que contempla, de forma tranqüila, aspectos antes considerados impossíveis de estarem juntos. Neste sentido, a Igreja do continente está vivendo um momento novo. A defesa da dignidade humana e a defesa da vida também são aspectos relevantes.

²⁵ Sobre a Amazônia, confira a matéria de capa da edição número 211 da *IHU On-Line*, de 12 de março de 2007. (Nota da *IHU On-Line*)

“Igreja que deseja ser ouvida numa cultura pós-cristã precisa ter um testemunho forte, crível e consistente, que acompanhe o discurso”

Entrevista com Maria Clara Bingemer

Maria Clara Bingemer é graduada em Jornalismo, mestre em Teologia e doutora em Teologia Sistemática. Atualmente, é professora do departamento de teologia da PUC-Rio e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da mesma universidade.

Assim que a teóloga Bingemer chegou em Aparecida, São Paulo, para a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – V Celam, que aconteceu nos dias 13 a 31 de maio de 2007, ela respondeu, por e-mail, as questões que a redação da revista **IHU On-Line** havia lhe enviado e durante a semana enviou comentários complementares sobre a conferência. Bingemer acredita que “o Papa tem razão ao apontar a ditadura do relativismo. Vivemos numa sociedade que privilegia a cultura de sensações e que relativiza e desabsolutiza a tudo em nome do prazer dado ao eu”. E dispara: “A mulher carrega a Igreja nas costas”.

Para Bingemer, as soluções apresentadas no documento conclusivo da V Conferência, para a superação das sombras que persistem na vida cristã do continente, “são tímidas e pouco ousadas”. No entanto, ela destaca que a CNBB, nas observações que enviou ao documento, “propõe soluções ousadas e interessantes”.

Bingemer concedeu uma entrevista sobre os jesuítas na edição número 183 da **IHU On-Line**, de 5 de junho de 2006, intitulada “Os jesuítas e a expansão da cultura moderna”. Na edição 220, do dia 21 de maio de 2007, intitulada **O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?**, ela concedeu a entrevista intitulada “Igreja que deseja ser ouvida numa cultura pós-cristã precisa ter

um testemunho forte, crível e consistente, que acompanhe o discurso”. Por sua vez, na edição 224, do dia 18 de junho de 2007, ela concedeu a entrevista intitulada “O documento não tem o profetismo e o sopro libertador que caracterizou Medellín e Puebla”. Publicamos, a seguir, as duas últimas entrevistas.

IHU On-Line – É possível relacionar, no contexto da sociedade brasileira, os momentos preparatórios às Conferências do Rio de Janeiro, em 1955, e a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – V Celam, em Aparecida? Que semelhanças e diferenças podemos sublinhar?

Maria Clara Bingemer – A Conferência do Rio de Janeiro, em 1955, era uma primeira tentativa, ainda antes do Concílio Vaticano II, de reforçar a colegialidade episcopal no continente. Havia toda uma expectativa e o ensaio de fazer algo novo, ainda não tentado nestas latitudes, mas algo que já existia na Igreja como realidade latente. A prova é que a colegialidade episcopal foi uma das tônicas do Concílio, que vai terminar dez anos depois da Conferência. Hoje, estamos há mais de quarenta anos após o Concílio. A colegialidade episcopal foi proclamada como necessária, foi experimentada e implementada em várias conferências episcopais pelo mundo inteiro, mas, infelizmente, precisamos constatar que houve um recuo nela. Reforçou-se o poder dos ordinários locais e somente algumas conferências episcopais latino-americanas, como a brasileira, ainda procuram vivê-la, mas já sem o vigor e a visibilidade de antes. Creio que isso é o que eu mais gostaria de sali-

entar entre uma conferência e outra. 1955 era o ano de eclodir de uma novidade que iria alimentar os próximos passos do episcopado continental. 2007 já recolhe um caminho andado, mas constata dolorosas perdas que aconteceram pelo caminho. Esperemos que Aparecida resgate o espírito que havia em 1955 e se expressou de forma tão excelente em Medellín, sendo continuado em Puebla. O interregno que representou Santo Domingo deixou um vácuo que vai custar trabalho preencher.

IHU On-Line – O Papa, em várias ocasiões, incentiva a apresentar a verdade de Jesus Cristo frente à ditadura do relativismo. Entre relativismo e apresentação da verdade, como podemos lidar com o pluralismo religioso vigente em nossa realidade latino-americana?

Maria Clara Bingemer – Pluralismo não necessariamente precisa rimar com relativismo. Creio que o Papa tem razão ao apontar essa ditadura do relativismo. Vivemos numa sociedade que privilegia a cultura de sensações e que relativiza e desabsolutiza a tudo em nome do prazer dado ao eu. Nesse sentido, a verdade que o Evangelho apresenta – a do amor como o de Jesus Cristo, amor gratuito, radical e oblato, – pode fazer contraponto a esse relativismo que acaba dissolvendo as referências, as convicções e transformando o ser humano em um consumidor de tudo que existe. Nesse sentido, os livros do sociólogo Zygmunt Bauman²⁶, *Amor líquido*²⁷, *Vida líquida*²⁸ etc., fazem uma fina análise sobre a situação que vivemos. Porém, como disse a princípio, relativismo não quer dizer negação do pluralismo e do diálogo com o diferente. Ao contrário, o diálogo com o diferente, o viver em um mundo plural, exige uma identidade bem ancorada e respaldada por valores claros e consistentes. Creio que o pluralismo religioso vigente em nosso continente terá

muito a ganhar com um diálogo sério, honesto e objetivo que se abra à diferença do outro sem fazer concessões fáceis naquilo que constitui sua verdadeira identidade.

IHU On-Line – O documento que orienta a V Conferência apresenta uma identidade de discipulado com amplas conseqüências sociais, éticas. Você considera que esta realidade está sendo vital na vida dos cristãos ou é uma proposta que ainda está muito longe?

Maria Clara Bingemer – Não há um documento que orienta a V Conferência. O documento de síntese não é um documento de trabalho. Apenas recolhe todas as observações das diversas conferências episcopais sobre o documento de participação que não agradou muito. No entanto, como sempre acontece em ocasiões em que há um volume muito grande de observações, as contribuições da CNBB, por exemplo, que foram muito boas e corajosas, não foram aproveitadas em sua integralidade. E justamente elas é que traziam mais contribuições na linha da ética social. Portanto, acredito que com relação à Aparecida, tudo está ainda por fazer – há que se esperar a reunião para ver o que acontecerá. Creio que hoje vivemos uma realidade em que a preocupação social não é central na vida dos cristãos. Foi substituída pela gratificação pessoal de experiências de cunho fortemente afetivo e, às vezes, alienante. A estratégia para resgatar as duas vertentes – a experiencial e a social – creio que será o grande desafio para a Igreja Católica na América Latina hoje.

IHU On-Line – A cultura de hoje é pós-cristã. Tratando-se da evangelização, quais são os caminhos para dialogar em contextos tão diferentes?

²⁶ Zygmunt Bauman: sociólogo polonês, professor emérito nas Universidades de Varsóvia, na Polônia e de Leeds, na Inglaterra. Responsável por uma prodigiosa produção intelectual, recebeu os prêmios Amalfi, em 1989, por sua obra **Modernidade e Holocausto** e Adorno, em 1998, pelo conjunto de sua obra. Publicamos uma resenha do seu livro **Amor líquido** (São Paulo: Jorge Zahar Editores, 2004), na 113ª edição do **IHU On-Line**, de 30 de agosto de 2004. Publicamos um entrevista exclusiva com Bauman na revista **IHU On-Line** edição 181 de 22 de maio de 2006. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. (Nota da **IHU On-Line**)

Maria Clara Bingemer – Creio que a primeira coisa é tomar consciência e aceitar esse fato de que a cultura é pós-cristã. Aceitar que o momento áureo de difusão, penetração e hegemonia do cristianismo histórico passou. Hoje temos uma outra realidade e diante dela a evangelização deve posicionar-se. A meu ver, ainda vige o grande documento do Papa Paulo VI²⁹, *Evangelii Nuntiandi*, que diz que “o homem de hoje não escuta mais os mestres. Escuta as testemunhas. E, se escuta os mestres, é porque são testemunhas”. Creio que uma igreja que deseja ser ouvida numa cultura pós-cristã precisa ter um testemunho forte, crível e consistente acompanhando seu discurso. Não um discurso cheio de palavras que não têm credibilidade porque não se traduzem em práticas concretas. Por que Madre Teresa³⁰ pode ser criticada como conservadora, mas é unanimemente considerada uma santa? Por seu testemunho e nada mais. Portanto, acho que chegamos a uma época onde a Igreja precisa, por um lado, facilitar a que as pessoas tenham a experiência de Deus e, por outro, fazer com que o testemunho da Igreja tenha credibilidade. Caso contrário, ela falará no vazio, porque não há campo de aterrissagem nem para as normais morais nem para as verdades dogmáticas que ela enuncia.

IHU On-Line – A recente notificação da Congregação para a Doutrina da Fé sobre duas obras de Jon Sobrino influencia a V Assembléia da Conferência Episcopal Latino-Americana em Aparecida?

Maria Clara Bingemer – Certamente, foi um grande baque a notificação a Jon Sobrino. Ainda mais que foi interpretada como um tiro final, de misericórdia, na Teologia da Libertação. No entanto, depois do discurso do Papa na abertura da V Conferência, onde foram abordados temas sociais e políticos, creio que fica claro que não é essa a intenção de Bento XVI. Creio que a atitude de Jon

Sobrino, discreta, dialogando com o Vaticano sempre através de seu superior geral, será o melhor recurso para que a verdade venha à tona e verifiquem que seus escritos não têm nada de herético nem contrário à fé católica, como, aliás, afirmam expressamente trinta teólogos consultados por ele mesmo.

IHU On-Line – Um ponto muito importante, que precisa de avanços concretos e efetivos, é o reconhecimento da presença da mulher na Igreja, do significado eclesial e da dimensão ministerial de sua atuação, e de sua imprescindível participação na vida e na missão da Igreja. O tratamento dado a estas questões nos documentos preparatórios estão contribuindo para isto?

Maria Clara Bingemer – Não. Porém, o Papa, em seu discurso de abertura, falou do mal do machismo. Foi em um contexto um pouco limitado: a família. Mas acho que desde aí se pode pegar um gancho bom para prosseguir a reflexão e a contribuição. Creio que é patente para todos os bispos que, sem a mulher, a Igreja se esvazia irremediavelmente. Mais de 90% dos coordenadores de comunidades de base são mulheres. Igualmente o são cada vez mais as catequistas, as teólogas, as mestras espirituais. Ou seja, a mulher carrega a Igreja nas costas. É um absurdo que participe tão pouco nos níveis de decisão. Sei que o Brasil quer intervir neste sentido. Tomara que consiga contagiar os demais países com sua reflexão.

IHU On-Line – Como está hoje a questão do protagonismo dos leigos e leigas, tão enfatizado em Santo Domingo?

Maria Clara Bingemer – Creio que também é patente para todos que se não houver um laicato adulto que assuma a tarefa da evangelização, essa tarefa chegará a muito poucas pessoas. A missão não será continental se um laicato adulto não a as-

²⁹ Papa Paulo VI (1897-1978): Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, nasceu em 26 de setembro de 1897 e faleceu em 6 de agosto de 1978. Foi nomeado Papa em 1963. Chefiou a Igreja Católica durante a parte do Concílio do Vaticano II e foi decisivo na colocação em práticas das suas decisões. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁰ Madre Teresa de Calcutá (1910-1997): Agnes Gonxha Bojaxhiu nasceu na República da Macedônia e naturalizou-se indiana. Madre Teresa de Calcutá foi uma missionária católica albanesa. Considerada a missionária, do século XX, concretizou o projeto de apoiar e recuperar os desprotegidos na Índia. Através da sua congregação “Missionárias da Caridade”, partiu em direção à conquista de um mundo que acabou rendido ao seu apelo de ajudar o mais pobre dos pobres. (Nota da *IHU On-Line*)

sumir. A questão do protagonismo dos leigos de Santo Domingo avançou um pouco, mas não o suficiente para isto. Esperemos que seja fortemente sublinhada em Aparecida.

IHU On-Line – A V Conferência, por sua vez, prevê um encaminhamento posterior à realização da Conferência: ou seja, de uma grande missão continental para os anos de 2007 a 2011. O que podemos esperar?

Maria Clara Bingemer – Podemos esperar ver uma Igreja em estado de missão. Mas, para que isso aconteça, é necessário ver uma Igreja discípula, que escuta e aprende, que dialoga e observa, que ruminava o que observou. Assim estará anunciando a Jesus Cristo e não a si mesma, o que é condição *sine qua non* para que aconteça a missão universal que todos esperam.

IHU On-Line – Qual é o impacto do discurso do papa na abertura da conferência? Quais são as luzes e as sombras?

Maria Clara Bingemer – O discurso do Papa na abertura da Conferência superou as expectativas. Há alguns pontos que ele tocou que são pistas preciosas para que a Conferência trabalhe nos dias que seguem. Destaco:

1. A denúncia do machismo. Embora tenha ficado restrita à família, abre espaço para se discutir o machismo em sentido mais amplo. Nesse sentido, espera-se que o silêncio que pesa sobre a mulher seja dissipado pelo menos em alguma medida. A CNBB foi corajosa e fez propostas concretas nesse sentido. Espera-se conseguir recolher algo dessa riqueza.

2. A Bíblia. A ênfase dada pelo Papa de que a formação para o discipulado tem que ser feita a partir da palavra de Deus foi impressionante. Deveu-se longo tempo nisso. A meu ver, foi uma abertura importante que vai dar muito de si, sobretudo quando se chegarem às pistas pastorais. Todo o esforço de leitura popular da Bíblia, que já acontece há décadas no continente, poderá ser resgatado a partir daí.

3. A continuidade com outras conferências. O Papa mencionou explicitamente essa continuidade, o que significa que vê Aparecida dentro do fio condutor da caminhada da Igreja do continente.

4. Falou também dos leigos como atores prioritários da missão continental. Referiu-se, sobretudo, aos leigos dos movimentos, deixando de lado as CEBs e outras realidades laicais.

5. Como sombra principal, fica o início do pronunciamento, com a referência pouco pluralista às culturas indígenas e às outras religiões. Muitos estão criticando essa posição que consideram um tanto pré-conciliar.

6. Finalmente, é de se ressaltar com extrema alegria o pronunciamento explícito do Papa sobre a injustiça estrutural e da opção pelos pobres. Foi algo extremamente positivo que vai dar margem a que apareça no documento o resgate e o desagravo a isso, que é a marca da América Latina e que pareceu ficar escondido em Santo Domingo.

IHU On-Line – Na primeira semana da conferência, por onde ela vai? O que é possível perceber? Que caminhos abre e que caminhos fecha?

Maria Clara Bingemer – Há esperança. Apesar da grande heterogeneidade, há um clima de escuta e atenção fraterna, sem posições tomadas previamente e com abertura respeitosa. Espera-se que possa sair um documento que atenda às esperanças do povo de Deus na América Latina. Há alguns consensos, como a posição crítica diante da globalização e a priorização da Amazônia como tesouro de todo o Continente e não só do Brasil. Creio que se pode esperar um documento aberto, pelo menos extra-eclesialmente. Intra-eclesialmente a coisa já é mais complicada. Creio que algumas das propostas da CNBB não serão assimiladas, notadamente as que dizem respeito à nova ministerialidade laical e à privação em que vive o povo de Deus com relação à Eucaristia por falta de clero.

IHU On-Line – Qual é a participação e a contribuição dos teólogos/as da Teologia da Libertação?

Maria Clara Bingemer – Creio que a Teologia da Libertação permanece como o grande pano de fundo de elaboração da opção pelos pobres, que seguramente será retomada e mencionada com destaque no documento final. Há contribuições da Teologia da Libertação que já são patrimônio

da Igreja, e é bom sentir que não serão descartadas. Pelo menos na delegação brasileira, há um significativo número de bispos que certamente se pronunciarão nesse sentido.

IHU On-Line – A notificação a Sobrino tem impacto na Conferência?

Maria Clara Bingemer – Não vi nada explícito. É um assunto que só se menciona nos corredores. Seria excelente que algum bispo ou grupo de bispos mencionasse a questão diretamente. Mas isso é difícil, parece-me, pois é abrir um confronto direto com Roma, coisa que me parece que os delegados e a organização da Conferência não desejam de modo algum. Em todo caso, a contribuição da teologia de Sobrino certamente se fará presente na cristologia do documento. Pelo menos assim esperamos. Enquanto assessores, faremos todo o possível para isso.

“O documento não tem o profetismo e o sopro libertador que caracterizou Medellín e Puebla”

IHU On-Line – Quais são as principais novidades da V Conferência, em relação a Medellín, Puebla e Santo Domingo?

Maria Clara Bingemer – Eu diria que as principais novidades são:

- um protagonismo – ainda que às vezes não explícito – dos novos movimentos como a grande esperança para uma revitalização do catolicismo no continente. Ao falar do itinerário formativo do discípulo, o esquema é quase integralmente o que usa um conhecido novo movimento, o Caminho Neo-Catecumenal, por exemplo. Ao falar de comunidades de base, coloca a seu lado, na mesma seção, as pequenas comunidades, que são justamente as comunidades dos novos movimentos;
- como esses novos movimentos são em sua maioria ou totalidade de pessoas das classes médias, há uma mudança de lugar dos pobres e das classes populares como sujeitos da Igreja e da evangelização, muito em-

bora sejam freqüentemente mencionados como objeto da mesma evangelização e do encontro com Jesus Cristo;

- o documento é bem mais aterrissado e melhor do que o de Santo Domingo, mas não tem o profetismo e o sopro libertador que caracterizou Medellín e Puebla. Por isso, apesar de conservar o método ver-julgar-agir, o faz de maneira peculiar, com características diferentes das utilizadas em Medellín e Puebla. Isso reflete a mudança de rosto da Igreja latino-americana, que, após vinte e seis anos, reflete a marca de haver tido uma mudança significativa em seu rosto episcopal.

IHU On-Line – A partir das conclusões apontadas no documento final, quais são as luzes e as sombras da vida cristã e da tarefa eclesial na Igreja hoje?

Maria Clara Bingemer – O documento aponta como luzes a herança católica do continente, a fé do povo latino-americano e todos os ganhos que, ao longo de muitos séculos, se pode tirar desta herança. Como sombras, aponta uma excessiva secularização de boa parte de segmentos da Igreja, como, por exemplo, a vida religiosa e a necessidade de superar este estado de coisas. Aponta também o êxodo de católicos para as fileiras evangélicas pentecostais e para outras religiões, ocasionando significativas perdas para a Igreja. Junto a isso, está o decréscimo das vocações sacerdotais, o encolhimento do contingente de fiéis etc. O documento conclama os fiéis católicos a superar essas sombras e aposta para isso sobretudo em forças como a família, primeiro agente de evangelização (embora seja uma família que, a nosso ver, não corresponde mais à realidade pluriforme das famílias católicas latino-americanas); a paróquia, a diocese e os movimentos. As soluções que o documento apresenta para a superação das sombras, que persistem na vida cristã do continente, são, a meu ver, ainda tímidas e pouco ousadas. Cito, como exemplo, o problema de que muitas comunidades católicas não têm a possibilidade de participar da Eucaristia no domingo porque não há clero no lugar onde estão situadas. Ficam,

portanto, privadas daquele que é o mistério central do Catolicismo. A CNBB, nas observações que enviou ao documento de participação, encara corajosamente esse problema e propõe soluções ousadas e interessantes. Afirma, por exemplo, que se é verdade que “a Igreja faz a Eucaristia e a Eucaristia faz a Igreja”, o fato de que 80% dos católicos brasileiros estejam impedidos de celebrar a Eucaristia aos domingos significa que estão privados de importante dimensão de sua eclesialidade. Sugere, então, que se repense a questão da ministerialidade laical e da possibilidade de retomada do ministério por parte dos padres casados. O documento recolhe o problema, mas não a solução. Diz que aqueles que não têm a possibilidade de celebrar a Eucaristia aos domingos procurem participar devotamente de celebrações da Palavra (isso, aliás, eles e elas já o fazem) e rezem pelas vocações sacerdotais. Mostra, portanto, que o caminho de superação deste tipo de problemas ainda é o tradicional e que a Igreja não pretende introduzir nenhuma novidade significativa na formatação da questão.

IHU On-Line – Quais são as principais mudanças que estão acontecendo em nosso continente e no mundo e que interpelam a evangelização? A V Conferência consegue responder aos desafios destas mudanças?

Maria Clara Bingemer – Parece-me que, em nosso continente, estão acontecendo significativas mudanças que acompanham o estado mutante universal: 1) pluralismo religioso e perda da hegemonia do cristianismo histórico; 2) necessidade do diálogo ecumênico e macro-ecumênico em escala crescente; 3) crescimento e aumento vertiginoso da pobreza e da injustiça presentes no continente, que só fez aumentar ao longo de décadas e que se encontra atualmente em estado calamitoso (é no mínimo escandaloso que o continente da esperança, o maior continente católico do mundo, tenha um terço de seus habitantes abaixo da linha de pobreza); 4) a cultura pós-moderna com as novas tecnologias (celulares, internet etc.) que transformaram desde a concepção do ser humano de sua corporeidade e sua identidade humanas até as relações humanas e comunitárias; 5) uma mu-

dança na recepção das normas e orientações da Igreja, qual seja, a síntese pessoal que muitíssimos católicos fazem quanto à vivência da moral ou ao estilo de vida e que nem sempre, ou quase nunca, corresponde ao que a Igreja determina. E, mesmo assim, esses católicos não se sentem fora da Igreja; ou seja, estão em curso novas formas de crer às quais a evangelização necessita estar atenta.

A meu ver, a V Conferência olhou de frente alguns destes desafios, mas não todos. Creio que a concepção de evangelização que emana do documento leva em conta a perda de hegemonia do cristianismo histórico e reconfigura a evangelização em termos de qualidade e não de quantidade. Mas me parece que, em termos da urgência do diálogo, de interagir com o diferente, de incluir o excluído, a resposta ainda é um tanto tímida. Há que esperar que após a aprovação definitiva do documento pela Santa Sé se possa trabalhar o documento e aí, a partir dele, gerar novas respostas mais ousadas para estes desafios.

IHU On-Line – Como seria a renovação da ação da Igreja que os bispos pretendem impulsionar a partir das conclusões do documento final de Aparecida? O que faria parte desta renovação?

Maria Clara Bingemer – Creio que a renovação que os bispos pretendem, e que está explícita no documento, implica uma Igreja onde a hierarquia desempenhe bem o seu papel de condutora do processo. Não percebo, no documento, a flexibilidade que o Concílio trouxe com o conceito de Igreja Povo de Deus. Creio que, para o documento, a liderança primeira desta Igreja renovada no continente são os bispos e o clero. O documento fala bastante, no entanto, de um laicato adulto, indispensável para que a evangelização chegue onde apenas os leigos chegam etc. E neste ponto, sim, retoma o concílio. Parece-me, no entanto, que a teologia pós-conciliar com relação à identidade e missão do laicato não está contemplada no documento, uma vez que se insiste uma e outra vez em que os leigos devem trabalhar no mundo, nas estruturas temporais etc. Aí é o seu lugar. Isto significa que o paradigma que rege a eclesiologia do documento é aquela baseada na

contraposição clero X laicato e não o que está expresso nas teologias pós-conciliares de Bruno Forte³¹ e outros, de uma fecunda interação comunidade – ministérios.

A meu ver, não é aberto nenhum caminho novo para o laicato, que é convocado a assumir a parte do leão da evangelização e missão continental. Ao contrário, alguns caminhos que já se encontravam abertos percebem-se, senão fechados, ao menos colocados em segundo plano. Trata-se, portanto, de uma Igreja ainda muito centrada na hierarquia e no clero essa que o documento delinea e com a qual pretende renovar a identidade e a missão católica do continente. Igualmente, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, apesar de terem merecido bons e polpudos parágrafos do documento, se encontram algo obscurecidos pelo próprio tom do documento em si. A insistência na identidade católica do povo latino-americano como a maior das graças, as repetidas, inúmeras menções à Virgem Maria, como modelo de discípulo, de evangelizador, de missionário etc., revelam que os destinatários do documento são mesmo os católicos e não os cristãos do continente. A meu ver, isso prejudica um pouco o sonho de uma missão continental, pois para uma empreitada deste porte, seria necessário unir todas as forças cristãs do continente. E, nesse sentido, o ecumenismo desempenharia um papel importantíssimo.

IHU On-Line – Qual é a importância de difundir na cultura de nossos povos a “fé em Deus-Amor”? Como isso se aplica no dia-a-dia da Igreja e do povo de Deus?

Maria Clara Bingemer – Parece-me que a fé em Deus Amor, coração do evangelho, é um ponto importantíssimo a ser difundido na cultura de nossos povos. O cristianismo tem o amor no centro de sua proposta e, por isso, deve propor e anunciar claramente que Deus é Amor, a fim de ser fiel à mensagem da qual é portador. No entanto, o amor que o evangelho de Jesus Cristo propõe é um amor “infeccionado” profundamente de justiça, de paixão pela justiça, de repúdio às injustiças de toda sorte. Nesse sentido, parece-me que o amor que dimana do documento tem boas passagens nesse sentido, mas não faz disso a linha central de seu conteúdo.

Por isso, parece-me que o trabalho pós-conferência será fundamental. Aí se terá a chance de, a partir das muitas boas passagens que tem o documento, trabalhar o dia-a-dia da igreja e do povo de Deus em termos da fé em um Deus-Amor. E esse Deus-Amor ouve os clamores do seu povo e se revela como amor não idilicamente para apaziguar corações inquietos apenas, mas como perdão diante da violência, como justiça diante da pobreza e da opressão, como abertura diante do diferente e do outro, como disponibilidade para assumir os conflitos a fim de construir a paz. Creio que seria muitíssimo importante, após Aparecida, trabalhar nas comunidades cristãs católicas a fé em Deus-Amor, incluindo nesta fé e neste amor todos os dramas causados pelo desamor no cotidiano da vida das pessoas e comunidades. Só assim o evangelho poderia apresentar intacto o Evangelho como Boa Notícia, sem concessões ou reducionismos.

³¹ Bruno Forte: teólogo italiano, consultor do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos e membro da Comissão Teológica Internacional. Teólogo de grande fama, celebrado escritor, o professor Bruno Forte ministra cursos e conferências em muitas universidades européias, americanas e asiáticas. Nascido em Nápoles, no ano de 1949, foi ordenado sacerdote em 1973. É doutor em Teologia e em Filosofia. Professor ordinário de teologia dogmática na Pontifícia Faculdade de Teologia da Itália Meridional, localizada em Nápoles, colabora também em numerosas revistas européias. Autor de inúmeros livros, citamos entre eles **A essência do cristianismo** (Petrópolis: Vozes, 2003). Publicou pela Editora Paulus os livros: **Introdução à fé: aproximação ao mistério de Deus; Na memória do Salvador; e Teologia da História: Ensaio sobre a revelação**. Pelas Edições Loyola, publicou, em 2002, o livro **Teologia em diálogo. Para quem quer e para quem não quer saber nada disso**. O teólogo concedeu uma entrevista à **IHU On-Line** na 79ª edição, de 13 de outubro de 2003, sob o título “Teologia e pós-modernidade”. Foi nomeado bispo pelo Papa João Paulo II. Notícias sobre Bruno Forte podem ser conferidas no site do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da **IHU On-Line**)

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Aparecida: propostas, ênfases e lacunas

Por José Oscar Beozzo

Repercutindo a edição 224 da *IHU On-Line*, de 18-06-2007, intitulada **Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência**, o padre e teólogo José Oscar Beozzo concedeu a entrevista a seguir, publicada na edição 225, de 25 de junho de 2007.

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano – V Celam, que aconteceu em Aparecida, de 13 a 31 de maio de 2007, colocou como pano de fundo dos desafios que emergem da realidade vivida por nossos povos, o modelo de globalização neoliberal. Ao lado de janelas de oportunidade e de uma explosão das comunicações que aproximou os povos, este modelo contém um cerne perverso e excludente: a total financeirização das relações econômicas e a busca do lucro como objetivo primeiro. Esta globalização excludente agravou a distância entre os países e aprofundou as desigualdades econômicas e sociais da população, empobrecendo drasticamente milhões de desempregados, migrantes e refugiados de guerras, desastres econômicos e ambientais, verdadeira massa sobrando em nossas sociedades.

O aquecimento global, a contaminação das águas, os desmatamentos, de modo particular na Amazônia e a poluição do ar nas grandes cidades, enfim os graves problemas do meio ambiente que vêm afetando de maneira dramática os mais pobres, surgiu como outro grave desafio na nossa realidade continental.

Um terceiro desafio veio da persistente desigualdade e discriminação social, cultural, racial e de gênero que pesam sobre as populações indíge-

nas e afro-americanas, sobre as mulheres, os migrantes e outros grupos sociais, como os presos, idosos e enfermos de AIDS.

Destacaram-se por outro lado, os esforços dos movimentos sociais e políticos para reverterem esta situação, imprimirem uma orientação social aos governos, recuperarem o controle dos recursos naturais com ascensão aos governos, em muitos dos nossos países, de lideranças dos setores populares.

Entre as propostas para renovar o anúncio do evangelho no continente, a Conferência propôs o fiel seguimento de Jesus e de sua prática, reencontrando seu rosto no rosto sofrido dos mais pobres, renovando a evangélica opção preferencial pelos pobres e retomando a forma de ser igreja das comunidades eclesiais de base, apoiadas na leitura popular da Bíblia, num aberto e leal diálogo ecumênico e inter-religioso, na acolhida e reconhecimento dos ministérios leigos em especial das mulheres.

Colocou ainda entre as propostas a construção de um continente de justiça e de paz, em que os esforços de integração dos povos da América Latina e do Caribe venham acompanhados de uma maior atenção e cuidado com toda a criação.

Ganharam finalmente espaço e destaque a identidade própria dos povos indígenas e afro-americanos e a necessidade de a Igreja respeitar a sua alteridade e continuar no caminho da inculturação do evangelho, da pastoral, da liturgia e da teologia, defendendo, ao mesmo tempo, suas terras ameaçadas e lutando por superar, internamente e na sociedade, as discriminações, preconceitos e racismo ainda presentes.

Merece destaque o propósito explicitamente declarado da Conferência de retomar, em suas análises, na sua reflexão e prática pastoral, o método “ver-julgar-agir” como importante ferramenta para melhor diagnosticar os problemas existentes e empenhar-se na transformação daquelas realidades que ferem a dignidade do ser humano e a integridade da criação. Neste sentido, ressaltou-se também a necessidade do empenho político dos cristãos para se construir a justiça, superar as desigualdades e a violência crescente nas nossas sociedades.

Reafirmou-se o propósito de a Igreja lançar uma grande missão continental voltada principalmente para os católicos que ficaram à margem do cuidado evangelizador e pastoral da igreja nas zonas rurais afastadas, nas áreas de migração e na periferia das grandes cidades. Deixou-se, porém, a cada igreja a tarefa de melhor delinear os conteúdos e o método desta missão e para a próxima Assembléia do Celam que vai se reunir em Cuba, no mês de julho, discutir a maneira de apoiar e articular os esforços das igrejas locais.

Em Aparecida, retomou-se uma caminhada latino-americana e caribenha de Igreja, renovando-se, neste sentido, a esperança de uma igreja mais próxima do povo, a serviço mais do Reino do que de si própria, nos caminhos apontados pelo encontro do índio Diego com a Virgem de Guadalupe e dos pescadores pobres do Paraíba do Sul com a Virgem Negra de Aparecida.

Na ênfase colocada na Palavra de Deus e na partilha eucarística para a vida das comunidades, faltou enfrentar, com coragem, a questão da multiplicação dos ministérios ordenados, inclusive das mulheres, para que não continuem as comunidades em muitos lugares, como ovelhas sem pastor.

Dos movimentos, veio a proposta insistente de um itinerário de formação mais aprofundada dos batizados todos e de um empenho mais ativo na vida da Igreja.

A Teologia da Libertação, que atravessa como pano de fundo e um fio invisível partes importantes da Mensagem e do Documento final, não é mencionada como uma das riquezas da caminhada eclesial latino-americana e caribenha.

O último parágrafo da Mensagem, que acrescentamos logo abaixo, oferece um roteiro ilumi-

nador das principais opções e propostas da V Conferência, terminando com o apelo a se construir a Esperança no serviço à vida, à justiça e à paz.

“Em Medellín e em Puebla terminamos dizendo: ‘CREMOS’. Em Aparecida, como o fizemos em Santo Domingo, proclamamos com todas as nossas forças: CREMOS E ESPERAMOS.

Esperamos...

Ser uma Igreja viva, fiel e crível, que se alimenta na Palavra de Deus e na Eucaristia.

Viver o nosso ser cristão com alegria e convicção como discípulos-missionários de Jesus Cristo.

Formar comunidades vivas que alimentem a fé e impulsionem a ação missionária.

Valorizar as diversas organizações eclesiais em espírito de comunhão.

Promover um laicato amadurecido, co-responsável com a missão de anunciar e fazer visível o Reino de Deus.

Impulsionar a participação ativa da mulher na sociedade e na Igreja.

Manter com renovado esforço a nossa opção preferencial e evangélica pelos pobres.

Acompanhar os jovens na sua formação e busca de identidade, vocação e missão, renovando a nossa opção por eles.

Trabalhar com todas as pessoas de boa vontade na construção do Reino.

Fortalecer com audácia a pastoral da família e da vida.

Valorizar e respeitar nossos povos indígenas e afrodescendentes.

Avançar no diálogo ecumênico ‘para que todos sejam um’, como também no diálogo inter-religioso.

Fazer deste continente um modelo de reconciliação, de justiça e de paz.

Cuidar a criação, casa de todos, em fidelidade ao projeto de Deus.

Colaborar na integração dos povos da América Latina e do Caribe.

Que este Continente da esperança seja também o Continente do amor, da vida e da paz!”

‘O documento da V Conferência é típico da Igreja do temor’

Entrevista com Eduardo de la Serna

*Eduardo de la Serna é doutor em Teologia e professor de Teologia no Instituto Superior de Estudos Teológicos de Buenos Aires e no Instituto de Formação Teológica da Diocese de Quilmes. Ele é coordenador nacional do grupo de sacerdotes de opção pelos pobres, que é uma continuação do movimento de “Sacerdotes do terceiro mundo”, dissolvido em 1973 pela repressão militar da Argentina. Eduardo participou da V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe – V Celam, que aconteceu de 13 a 31 de maio, em Aparecida, São Paulo. Ele foi entrevistado, em Buenos Aires, pela jornalista Sonia Montañó para a **IHU On-Line**. A entrevista foi publicada nas **Notícias do Dia** do site do IHU (www.unisinos.br/ihu), em 4 de agosto de 2007. De la Serna participou da V Conferência Conferência a convite da Rede de Católicos das Américas Ameríndia.*

“É um documento típico da Igreja do temor”, afirma Eduardo, em relação ao texto final da Conferência. Ele também fala, na entrevista a seguir, sobre a Igreja Argentina, sobre os rumos da Teologia da Libertação, sobre as relações entre o presidente Kirchner e o presidente da Conferência Episcopal Argentina, Cardeal Jorge Mario Bergoglio, além de avaliar o governo atual em seu país.

IHU On-Line – Como avalia a V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe – V Celam?

Eduardo de la Serna – É muito interessante observar o esforço com que se empenhou o pessoal vindo do Vaticano para que não aparecessem certos temas que, de fato, apareceriam, pois são questões que não podem ser ocultadas. Por outro lado, temos uma hierarquia eclesiástica extrema-

mente temerosa, para usar uma palavra até nobre, a ponto de aceitar que o Papa escolha até o local da reunião. Também me parece patético que os bispos mandem o documento para que Roma o aprove. São bispos que estão em comunhão com Roma, ou seja, não se trata de um grupo que está fora da Igreja e pede permissão para entrar. Essas questões são um sinal de mediocridade. Muito temor, sobretudo gerado pela preocupante papolatria de João Paulo II. No entanto, o documento final de Aparecida ficou muito melhor do que eu esperava, porque houve muitas realidades vivas da Igreja que não puderam ser caladas. Ainda assim, eu acredito que o documento é típico da Igreja do temor.

IHU On-Line – O Vaticano fez mudanças significativas no documento final da V Conferência?

Eduardo de la Serna – Ainda não analisei em profundidade a versão definitiva modificada pelo Vaticano, mas existem algumas diferenças que me parecem, no mínimo, pitorescas. A quarta redação tinha 250 notas de rodapé. O novo documento tem 281. Acrescentaram até notas! Eu não veria nenhum problema se o Vaticano dissesse que esta ou aquela idéia são heresias. Se realmente o são, vamos nos retratar. Uma dessas notas é sobre as Comunidades Eclesiais de Base. Num primeiro momento, já existia a intenção de se retirar a nota, até que ela desapareceu na terceira redação do documento. Agora, tiveram que recolocá-la, pois as Comunidades Eclesiais de Base são uma realidade viva na nossa Igreja. Realmente, o documento enviado mostra os clássicos temores sobre temas como ecologia, diálogo inter-religioso, bioética, mulher etc.

IHU On-Line – E como o senhor avalia a participação da Igreja Argentina na V Conferência?

Eduardo de la Serna – Comparando com a Conferência de Puebla – onde os Bispos argentinos foram em um avião do exército –, foi muito melhor. A delegação que o episcopado argentino enviou agora foi muito melhor do que as enviadas a qualquer das conferências anteriores. Até ouvi de um bispo de outro país, muito comprometido socialmente, que tinha ficado gratamente surpreso com a participação da hierarquia argentina, o que me alegrou muito. Mas é claro que não se podia esperar de parte da hierarquia argentina uma voz profética. De fato, não houve voz profética nenhuma, com exceção de algum bispo do Brasil, algum da Guatemala, algum da Bolívia.

IHU On-Line – Como o senhor vê o atual pontificado?

Eduardo de la Serna – As idéias de Bento XVI eram bastante previsíveis. Este Papa é a mesma pessoa que publicou a *Dominus Iesus*. Isto não nos deve surpreender, e sim nos entristecer, o que é diferente. Contudo, é difícil avaliar este papado, porque se em certos momentos ele parece estar “fora do ar”, e em outros dê continuidade ao de seu antecessor, João Paulo II, há momentos em que parece até melhor. Por exemplo, quando ele errou em relação ao Islã, logo deixou que a diplomacia Vaticana concertasse o erro. A mesma coisa aconteceu em relação ao comentário sobre os povos indígenas, em Aparecida. Ele não volta atrás, porque supostamente o Papa não pode errar, mas, na semana seguinte, se desdiz, ao afirmar que na evangelização houve luzes e sombras.

Inclusive no documento de Aparecida, quando se faz uma referência aos povos indígenas, o Papa é citado, para deixar claro que não está sendo desautorizado. Ou seja, é como afirmar que “o próprio Papa nos autoriza a dizer que o primeiro

comentário sobre os povos indígenas foi uma bobagem”. Isso é mais uma manifestação da papalaria de que eu falava antes.

A idéia de que fora da Igreja não há salvação, as questões litúrgicas da volta ao latim, a reconciliação com Dom Lefèvre e a valorização de grupos ultra-conservadores eram de se esperar. Mas outras coisas não são tão ruins quanto se esperava, como, por exemplo, a encíclica sobre a caridade (*Deus Caritas Est*).

IHU On-Line – O cardeal Bergoglio, em seu discurso durante a conferência de Aparecida, teve um tom fortemente social, especialmente ao falar em “escandalosa injustiça”. Isso o surpreendeu?

Eduardo de la Serna – Nesse momento, Bergoglio falou em nome do episcopado argentino, porque era um momento no qual todos os presidentes das conferências episcopais falavam em nome de sua região. Foram sete minutos para dizer como estava sua igreja local e o que ela esperava de Aparecida. Foi esse o contexto da fala de Bergoglio. Mas, sem dúvida, o cardeal tem um viés populista, com uma clara influência do peronismo. Talvez seja essa a raiz das distâncias entre Bergoglio e Kirchner. É o velho conflito entre a pátria peronista e a pátria socialista de 1973, que não se resolveu ainda³².

IHU On-Line – Como o senhor caracterizaria as relações entre Kirchner e Bergoglio?

Eduardo de la Serna – Ambos são intolerantes. O cardeal é uma pessoa muito prudente e medida em muitas coisas, mas não o é na relação com o atual governo. Ambos se comportam como gato e rato. Provocam, a todo momento, brigas desnecessárias.

IHU On-Line – Que matizes a Teologia da Libertação tomou na Argentina?

³² O presidente Juan Domingo Perón foi deposto e exilado em 1955 por um golpe de estado e seu partido foi banido, dando início a 30 anos de alternância entre ditaduras militares e frágeis democracias no poder. Em 1973, Perón retornou à Argentina e governou por um curto período até a sua morte. Deixou o poder nas mãos de sua então esposa e vice-presidenta Isabel, em um período de extrema instabilidade política, econômica e social. Por pressões militares ela renunciou em 1976, abrindo caminho para uma nova ditadura. Mas, no retorno de Perón, em 1973, ele conseguiu 62% dos votos, sendo que tanto a esquerda quanto a direita o tratam como seu intérprete. Perón optaria pela direita patronal, pelo aparelho sindical da Confederação Geral do Trabalho (CGT) e pelo exército, rompendo com uma juventude peronista de esquerda, os montoneros, que sonhavam com uma “pátria socialista”. (Nota da *IHU On-Line*)

Eduardo de la Serna – Muitas vezes, tentou se declarar morte à Teologia da Libertação na América Latina em geral, mas ela ainda está presente. Nem nas Conferências de Puebla, nem na de Santo Domingo, nem na de Aparecida é mencionada, mas ela está presente. A Teologia da Libertação está passando por uma etapa interessante de grande diversificação: existem os que se dedicam à Teologia Indígena, à Teologia da Mulher, à Teologia Negra, à Teologia Camponesa, à Teologia Ecológica. São riquezas muito profundas, mas que correm o risco de dispersão. Na medida em que descobrimos que tudo isso está relacionado com o conceito bíblico do pobre, as diversas teologias podem continuar muito vivas e unificadas. Indiscutivelmente, a Teologia da Libertação surge, na Argentina, muito influenciada pelo peronismo. Isso é muito difícil de entender para as pessoas de fora. Chegou-se a considerar a Teologia feita na Argentina como inimiga da Teologia da Libertação.

IHU On-Line – Que características são próprias da teologia feita na Argentina? Identificam-se mais com a Teologia da Cultura?

Eduardo de la Serna – Teologia da Cultura foi um nome dado por alguns teólogos para mostrar à Teologia Ortodoxa Argentina uma certa diferenciação à Teologia da Libertação. A Teologia da Cultura como tal era mais uma denominação do que uma realidade. Houve uma Teologia da Cultura, mas não era a Teologia da Libertação pensada na Argentina. Penso que aí houve uma jogada estratégica, pensada por gente como Quarracino³³, por exemplo, que tentou fazer com que a teologia argentina parecesse com uma teologia que

leva em conta o pobre como sujeito cultural, mas alheio à Teologia da Libertação.

Contudo, falando com os teólogos que foram da chamada Teologia da Cultura, vejo que eles nunca a entenderam como algo contrário à Teologia da Libertação, e sim como um aspecto dessa teologia. Evidentemente, mais influenciada pelo peronismo e pela religiosidade popular. Em outras épocas, o tema da religiosidade popular era visto por alguns como contrário às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), mas, na realidade, elas vivem disso, inclusive as que estão mais politizadas.

IHU On-Line – Como o senhor avalia o atual governo?

Eduardo de la Serna – É uma questão difícil: não dá para afirmar se é bom ou é ruim. Se me perguntasse por De la Rúa³⁴, eu te diria que ele é um inepto; se me perguntasse por Carlos Menem³⁵, diria: “um governo de corrupção”. No caso de Kirchner há contradições, pois concordo com algumas atitudes e com outras não. A minha sensação é que, depois da inoperância absoluta do governo de De la Rúa, qualquer coisa que Kirchner fizesse seria melhor. Mas, quando o governo afirmou que não há crise na Argentina, burlou com esse pensamento, pois mentiu. Kirchner diz que não há aumentos, que há estabilidade nos preços, mas na paróquia onde moro tivemos de pagar o dobro na conta de luz que sempre pagamos. Contudo, é inegável que há mais trabalho. Por outro lado, se fecharam todas as fábricas na época do Menem. Ainda assim, com essa oposição dá vontade de aplaudir o governo.

³³ Antonio Quarracino: arcebispo de Buenos Aires entre 1990 e 1998. Cardeal da Igreja Católica, foi professor de Teologia na Universidade Católica Argentina (UCA). Morreu em 1998 e foi sucedido pelo atual arcebispo, Cardeal Jorge Mario Bergoglio. (Nota da **IHU On-Line**)

³⁴ Fernando de la Rúa: político argentino da União Cívica Radical (UCR). Foi presidente da Argentina de dezembro de 1999 a dezembro de 2001. Em 2000, no meio de uma grande crise política e econômica no País, afastou o vice-presidente Carlos Alvarez. De la Rúa renunciou em 20 de dezembro, no meio de uma situação de violência, tendo completado a metade de seu mandato. (Nota da **IHU On-Line**)

³⁵ Carlos Menem: presidente da Argentina de 8 de julho de 1989 a 10 de dezembro de 1999 pelo Partido Justicialista (Peronista). Eleito presidente por dois mandatos consecutivos, após alterar a Constituição, Menem é considerado o grande responsável pela crise político-econômica da Argentina em 2001. Durante o seu governo, a Argentina indexou o peso ao dólar, privatizou importantes empresas e bancos estatais, deixando o país sem recursos próprios para sobreviver a uma crise. Ao protelar a desvalorização do peso frente à moeda americana, comprometeu seriamente a economia, ao tornar a moeda local artificialmente forte. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – Qual é o ponto mais fraco do governo?

Eduardo de la Serna – A incapacidade de diálogo. Se tivesse capacidade para dialogar, muitas propostas feitas por diversos setores da sociedade civil seriam mais levadas em conta e não tomadas como oposição gratuita. Acho este governo muito intolerante. Também não há uma boa política internacional. Além de estar próximo de Lula, por motivos estratégicos, e de Chávez, por motivos econômicos, o governo Kirchner não tem capacidade de transcender as fronteiras. Não se entende com Bachelet³⁶, muito menos ainda com Tabaré³⁷.

IHU On-Line – O senhor acha que Cristina Kirchner vai ser a próxima presidenta da Argentina?

Eduardo de la Serna – Aqui no bairro, não se fala em política, mas parece que todos vão votar em Cristina. Seguramente, ela vai ganhar com certa comodidade e não sei se vai precisar de segundo turno. Mas temos que ver também seus oponentes: Lavagna³⁸ não tem carisma, enquanto Carrió³⁹ perdeu todo o poder político e, com isso, uma certa credibilidade que tinha acumulado. Por sua vez, Lopez Murphy⁴⁰ não existe nem para a esquerda.

³⁶ Verónica Michelle Bachelet Jeria: atual presidente do Chile. Membro do Partido Socialista do Chile, ocupou o lugar de ministra da Saúde no governo de Ricardo Lagos entre 2000 e 2002, e, posteriormente, o cargo de Ministra da Defesa, tendo sido a primeira mulher a exercer este cargo na América Latina. Foi eleita Presidente do Chile para um mandato de 2006-2010, sucedendo ao ex-presidente Ricardo Lagos. Também aqui é a primeira mulher a ascender ao lugar cimeiro na hierarquia do Estado, na América do Sul. (Nota da **IHU On-Line**)

³⁷ Tabaré Ramón Vázquez Rosas: atual presidente da República Oriental do Uruguai. De tendência socialista, Vázquez é o líder da principal coalizão de esquerda do país, a Frente Amplio. (Nota da **IHU On-Line**)

³⁸ Roberto Lavagna: economista argentino. Ex-ministro da Economia argentino, Lavagna, que ocupou o cargo do começo de 2002 até novembro de 2005, liderou a recuperação econômica argentina após a pior crise de sua história. Deixou o cargo devido a um forte enfrentamento com o presidente Néstor Kirchner. (Nota da **IHU On-Line**)

³⁹ Elisa Carrió: advogada e política argentina. Fundadora do partido de centro-esquerda “Afirmação para uma República Igualitária” (ARI). Carrió concorreu à presidência da república em 2003, ficando em quinto lugar. Elegeu-se deputada pela Capital Federal argentina nas eleições legislativas de 2005. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴⁰ Ricardo López Murphy: economista e político argentino. Líder do partido “Recrear para o Crescimento”, fundado por ele em 2002 ao deixar a União Cívica Radical, é licenciado em economia pela Universidade Nacional de la Plata e, posteriormente, cursou o mestrado em economia da Universidade de Chicago. Foi ministro da Defesa e da Economia durante o governo de Fernando de la Rúa. Em 2003, foi candidato nas eleições presidenciais, ficando em terceiro lugar com 18% dos votos. (Nota da **IHU On-Line**)

“Um véu de integrismo e fundamentalismo ameaça o mundo pluralista de hoje”

Por Luiz Alberto Gómez de Souza

Luiz Alberto Gómez de Souza é diretor do Programa de Estudos Avançados em Ciência e Religião da Universidade Cândido Mendes e diretor do CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais), graduado em Direito, pela PUCRS, e pós-graduado em Ciência Política, pela Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (Flacso), Santiago do Chile. Doutor em Sociologia pela Universidade de Paris Sorbonne Nouvelle. Gómez de Souza é também funcionário das Nações Unidas (FAO CEPAL) e pesquisador do Centro João XXIII. No site da **IHU On-Line** podem ser conferidos artigos do sociólogo. No dia 11-05-2007, publicamos “A chegada do Papa: palavras simplificadas e afirmações editadas”; e, no dia 15-02-2007, o artigo “O que fazer com eles? A violência que gera mais violências”. Luiz Alberto Gómez de Souza também concedeu uma entrevista à **IHU On-Line**, publicada nas **Notícias do Dia** do site do IHU (www.unisinos.br/ihu), em 19 de agosto de 2006, intitulada “Com Lula, onde ele estiver”. Os dois artigos que reprodizimos a seguir, sob o título “Um véu de integrismo e fundamentalismo ameaça o mundo pluralista de hoje” e “Simplesmente cristão” foram escritos e enviados por Luiz Alberto Gómez de Souza à **IHU On-Line** e publicados nas **Notícias do Dia** no site do IHU, nos dias 18 de maio e 18 de julho de 2007, respectivamente.

No primeiro dia da visita do papa, escrevi um texto criticando a unilateralidade da mídia, que até melhorou nos dias subseqüentes. Mas, ao final da visita, o questionamento virou-se para minha própria Igreja. A estadia do papa provocou emoções no mundo católico, como os aiatolás mobili-

zam multidões muçulmanas. Mas e os não-católicos? Afinal, neste país, católicos realmente praticantes são uma minoria. Somos uma sociedade plural, com muitos católicos nominais, um número crescente de evangélicos, um número maior das religiões afro do que as estatísticas indicam, uma forte corrente espírita, outras religiões ameríndias ou asiáticas, os sem religião etc. Aliás, o papa disse que não se podia convencer por imposição, mas pelo testemunho.

Como católico, fiquei vendo na televisão uma manifestação asfixiante de poder eclesiástico, vestes aparatosas, declarações contundentes. Tudo isso convencendo e, talvez, fortalecendo emocionalmente os já convencidos. Confesso que me senti bastante incomodado. Meu primeiro texto ainda era esperançoso, mas, depois de um dia respondendo por telefone a entrevistas de jornais, revistas e tvs, e vendo a mídia ocupada por um papa categórico, foi subindo um cansaço pelas afirmações petrificadas e as certezas sem reticências, mais perto dos guardiães do templo do que de um Jesus que não ditava orientações, porém conversava com os menos respeitados, fazia perguntas e contava historinhas – parábolas. O Papa começou tímido, mas o sorriso foi se abrindo aos poucos, influenciado pelo clima dos católicos arrebatados, especialmente no encontro com ex-drogados, um dos poucos momentos de humanidade. Porém, no sentido contrário, os pronunciamentos, por exemplo, aos bispos brasileiros, foram se fazendo mais inflexíveis. Minha mulher e eu fomos respirar e ver “A alma imoral”, com texto do rabino Milton Bonder e interpretação fantástica de Clarice Niskier. Ali, as certezas pétreas se

dissolviam em vida e ternura, em dúvidas revigorantes, no rompimento de uma razão fechada nela mesma. Como seria bom se a Fé convivesse com esse clima de liberdade e de ousadia!

Por outra parte, do outro lado do mundo, mais de um milhão de turcos saíram à rua para defender um estado secular, livre de um governo islâmico fundamentalista. Ali, os cristãos torcem para evitar o perigo. O patriarca cristão de Jerusalém, o segundo em dignidade depois do bispo de Roma, acuado no seu bairro pobre do Fanar, teria ainda menos liberdade num estado islâmico.

Criação de consensos?

E, aqui, os não-católicos não terão razão de temer as investidas velhas de pedidos de acordos ou de caducas concordatas? O Papa falou de um “sadio” laicismo. Quais suas fronteiras? Por que pespegar um adjetivo vago e ambíguo? Por que não dizer que uma sociedade laica e plural é mais favorável à exemplaridade do Evangelho? O Papa indicou a necessidade de criar consensos em torno a uma sociedade menos desigual e com estruturas justas. Mas consensos com quem? Consenso conosco mesmos é um solipsismo que não se agüenta em pé. Para criar consensos, há que estar aberto e ouvir os outros. Não se trata de negar nossa identidade, que deve ser afirmada sem medos, mas esta, enrijecida, vira fundamentalismo, ou na nossa linguagem, integrismo.

O Papa convoca os chamados leigos – porque não dizer os cristãos em geral? – a construir uma nova sociedade. Mas, para isso, são necessárias as mediações – movimentos sociais e culturais, opções de idéias, partidos. Tirando-lhes importância, o que nos sobra? Simples argumentos éticos, uma cruzada de consciências ou reviver uma cristandade? Estou de acordo com a crítica a ideologias – como expressão de falsa consciência –, sejam as velhas ideologias de um marxismo que encolheu em idéias abstratas e experiências sufocantes, seja a de um capitalismo que destila o que pensa e faz as elites acuadas e iníquas. Mas, então,

qual seria a saída? De nenhuma maneira uma ideologia social-cristã, que historicamente também fracassou, resvalando para a direita liberal, ou para uma esquerda cristã de que sempre desconfiei. No Chile, nos anos 1960, eu dizia que porque tinha Fé não podia ser ideologicamente democrata-cristão – ou socialista cristão –, encolhendo a Fé em ideologia. Isso aprendera com Emmanuel Mounier⁴¹, em seu livro *A cristandade morta*. Porém, o cristão, iluminado pela Fé, tem de procurar com outros respostas concretas. Uma nova sociedade exige colar-se na realidade, a partir de análises, para chegar a programas, idéias e práticas novas. Mas se dissermos que o real só nós o possuímos, em Deus e em seu filho Jesus, de saída fechamos o diálogo, já que temos a solução no bolso. Para os possíveis interlocutores, não deixaria de ser prova de arrogância e de falta de abertura à diferença. O discurso do papa, na inauguração da conferência dos bispos, muito bem encadeado e com aparentes perguntas, na verdade foi um desdobramento de respostas e de certezas asfixiantes para um diálogo e para a busca de consensos.

“No futuro, teremos pudor de algumas declarações que ouvimos agora?”

A começar por afirmações terríveis sobre a história do encontro das culturas na América, ocultando o conflito e a imposição do cristianismo pela espada e pela cruz, como uma certa leitura das cruzadas, vistas do lado de cá, apenas como defesa solícita dos lugares sagrados. Um papa que virou santo, Pio V, perto daqueles tempos da conquista da América, chegou a dizer, justificando a inquisição, que matar hereges podia ser um ato de defesa da fé. Hoje, temos vergonha de uma afirmação destas. Em alguns anos, teremos pudor de algumas declarações que ouvimos agora?

A imprensa e alguns comentaristas disseram tolices, como que a crítica ao marxismo era interpretada como uma crítica à Teologia da Libertação. Essa reflexão latino-americana, que se abre a muitas dimensões e com novos participantes, se

⁴¹ Emmanuel Mounier (1905 – 1950): filósofo francês, fundador da revista *Esprit*. As suas obras influenciaram a ideologia da “Democracia cristã”. (Nota da *IHU On-Line*)

às vezes usou parcialmente mediações da teoria marxista, há muito as relativizou, descobrindo sua unilateralidade e limitações. Entretanto, essa teologia tem no seu cerne a opção preferencial pelos pobres, que, segundo o mesmo papa, é central na vida de Fé. Eu diria que aí ele confirmou, querendo ou não, a caminhada de uma Igreja da Libertação, com suas pastorais sociais e suas comunidades eclesiais de base. Mas, ao mesmo tempo, não pronunciou nem uma só palavra sobre elas, apenas fazendo a menção indireta de novos movimentos, que vão em outras direções.

A multiplicação da Eucaristia

Há uma contradição que dificilmente se mantém em pé. Ao afirmar a centralidade da Eucaristia, fica claro que a Igreja precisa de muitos espaços de celebração eucarística. Mas isso será impossível mantendo apenas a figura cada vez mais minoritária e marginal, no mundo de hoje, do sacerdote obrigatoriamente celibatário, que o Papa magnifica a seguir. Faz logo adiante um apelo voluntarista a vocações para entrar nessa mesma fôrma, historicamente em crise, ou produzindo um novo clero conservador, inseguro e meio deslocado do mundo. Multiplicar a Eucaristia é multiplicar seus ministros e ministras, para isso ordenando cristãos e cristãs das próprias comunidades. O celibato obrigatório está mais ligado à vida consagrada do que à categoria dos presbíteros, que presidem a celebração eucarística. Mais e mais bispos e cristãos dizem isso em voz baixa, num sussurro que vai aumentando, mas que é ainda abafado por censuras e auto-censuras. Novos pontificados ou novos concílios terão que tratar corajosamente deste e de outros pontos ainda congelados (celibato obrigatório, a mulher na Igreja, reprodução e sexualidade, diálogo inter-religioso etc.)

Para isso, há que enfrentar a esquizofrenia entre uma doutrina da sexualidade e da reprodução, em

discordância crescente com a prática real dos católicos, no que Pietro Prino chama um *scisma sommerso*. O cardeal Newman⁴², que esse papa admira, falava do desenvolvimento da doutrina. Em tantos campos, até agora bloqueados para uma discussão serena e corajosa, não se trata de negar dogmas, que são muito menos do que alguns crêem, mas de rever regulamentações historicamente datadas e passíveis de mudanças. Com isso, não quero dizer que a prática determina a doutrina, o que seria uma posição preguiçosa ou oportunista, mas ela a questiona com novas perguntas que exigem novas respostas. Repetir o de sempre é encerrar-se num mundo que está morrendo.

Fica também no ar um clima integrista, uma adesão quase idolátrica à figura do bispo de Roma, que só pode ferir nossos irmãos cristãos não-católicos e fazer sorrir quem vêm de outras tradições religiosas ou quem não as tem.

Jesus: exemplo do samaritano heterodoxo

Jesus, um rabi que várias vezes se escondeu quando o queriam mitificar ou coroar, dava como exemplo de Caridade não o sacerdote apressado, que corria ao templo para cumprir seus deveres de profissional da religião, mas o samaritano heterodoxo, que não ia a Jerusalém, mas ao monte Garizim⁴³. Também se detinha para falar, à beira do poço, com outra samaritana, que tivera muitos homens em sua vida, e que poderia ser chamada por muitos de hedonista ou dissoluta. Os discípulos se escandalizaram. Os seguidores de hoje se esquecem disso.

Trago aqui o desabafo melancólico e triste de um católico que faz um balanço de tantos dias de triunfalismo, fechamento ao diálogo e alinhamento com fundamentalismos que apenas sabemos ver nos outros. Assim, não se visibiliza uma Boa Nova, mas se repetem prescrições rígidas saídas

⁴² John Henry Newman (1801-1890): bispo anglicano inglês, convertido ao catolicismo foi nomeado cardeal pelo Papa Leão XIII em 1879. Depois de sua conversão ao catolicismo abriu e dirigiu em Birmingham um oratório de São Felipe Neri e foi reitor da Universidade Católica da Irlanda, em 1854. O seu pensamento é representativo da “filosofia da ação e da filosofia da vida”, é considerado como integrante da corrente filosófica denominada neoespiritualismo e vitalismo, que tem raízes no espiritualismo francês do século XIX, que surgiu para combater o positivismo e o racionalismo. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴³ Garizim: Luiz Alberto Garizim faz referência ao texto do evangelista João 4,21-26 (Nota da *IHU On-Line*)

de manuais de uma catequese voltada para dentro. E, depois, os católicos se queixam da diminuição dos fiéis – ou ficamos em manifestações que revelam um emocionalismo aeróbico, que tem muito pouco a ver com a Fé em Jesus Cristo, mesmo se Marcelo Rossi⁴⁴ foi posto de lado por uns dias.

Uma reflexão bem armada de um teólogo europeu

Não tivemos atitudes duras como as de João Paulo II na declaração de abertura da conferência em Puebla que, aliás, os bispos não seguiram nas discussões subseqüentes. Mas, diante de um discurso bem articulado como o de Bento XVI, é mais difícil, em Aparecida, uma posição crítica dos bispos, pois envolve por sua lógica e se torna mais complexo descobrir ali os pontos frágeis e contraditórios.

Teria sido muito bom ter ouvido alguém aberto a escutar, trazendo misericórdia e compaixão, e não uma reflexão bem armada de um teólogo europeu, com seu discurso tradicional, aberto ao diálogo com a academia ou com Habermas, mas não com as comunidades latino-americanas, com seus pobres, índios, negros, cada vez mais protagonistas na história social e política. Não senti um papa de todos, pronto realmente – não teoricamente – a criar consensos, ao desafio de novas culturas e de novas sensibilidades, ele que poderia parecer atento às culturas de hoje. Não que tivesse que aceitar passivamente o que o mundo diz, mas uma visão pessimista desse mundo o vê unilateral-

mente marcado pelo individualismo ou pelo hedonismo. Há que estar aberto ao pluralismo das diferenças, e não ter medo do que há de prazeroso na busca de ser feliz – tão longe dos complexos culposos de uma espiritualidade ainda marcada pelo medo, por um jansenismo que paira no ar e por um agostinismo mal digerido.

Um testemunho coletivo de humildade e simplicidade para a Igreja

A Igreja precisa hoje não só de profetas, de místicos, de mártires e de santos, e penso em Hélder Câmara⁴⁵ ou Romero⁴⁶, mas de um testemunho coletivo de humildade e de simplicidade, para saber conviver com a alteridade e aí apresentar a Boa Nova, na construção plural, com os outros, de um mundo sem injustiças e sem desigualdades escandalosas. O que dirá a conferência de Aparecida? Seguirá mecanicamente e sem um discernimento adulto os passos indicados por Bento XVI ou saberá também ouvir o *consensus fidelium* de suas igrejas locais, como mostrou Newman em outra fase crítica da Igreja, no século IV? Assim, poderá abrir-se à construção, na linha de João XXIII, de um consenso com outros homens e mulheres de boa-vontade, que realmente responda às necessidades e aos anseios de liberdade, de qualidade de vida e de felicidade, num mundo ao mesmo tempo rodeado de fundamentalismos, violências, fanatismos e ameaças ao próprio planeta.

⁴⁴ Marcelo Rossi: Marcelo Mendonça Rossi nasceu em São Paulo, em 20 de maio de 1967. Padre católico brasileiro, tornou-se um fenômeno de mídia e cultura no final dos anos 1990. Ele ficou muito conhecido pela forma de adotar danças e coreografias típicas da Renovação Carismática Católica (RCC) e pela publicidade de seus trabalhos (CDs, DVDs, cinema). (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁵ Dom Hélder Câmara (1909-1999): Arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo, como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12 de março de 1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Momento político este que o tornou um líder contra o autoritarismo e os abusos aos direitos humanos, praticados pelos militares. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria *Memória* da *IHU On-Line* número 125, de 29 de novembro de 2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo “Hélder Câmara: cartas do Concílio”. Na edição 157, de 26 de setembro de 2005, publicamos a entrevista “O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil”, realizada com Ernanne Pinheiro. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁶ Dom Oscar Romero (1917-1980): arcebispo católico romano, foi assassinado enquanto oficiava missa, na tarde de 24 de março de 1980. Sua dedicação aos pobres, numa época de efervescência social e guerra, converteu-o em mártir. (Nota da *IHU On-Line*)

Simplemente cristão

Os últimos documentos de Bento XVI e da Congregação da Doutrina⁴⁷ aumentaram a tristeza que expressei em texto anterior⁴⁸ e tive dificuldade, por uns dias, de escrever a respeito. Não por receio, mas para deixar passar um momento de indignação que não colaborava na lucidez. Houve, recentemente, um encontro ecumênico de teólogos⁴⁹ em Belo Horizonte. Não sei ainda o que foi dito ali, especialmente pelos católicos. Há uma auto-censura em muitos, até certo ponto justificável, onde cumprem papel fundamental, por receio de perderem licença para ensinar em universidades católicas. A culpa é basicamente da estrutura eclesiástica autoritária. No tempo da ditadura, muitos se calaram para poder ficar no País, mas, graças a isso, puderam, no *underground*, trabalhar pela abertura. Então compete a nós, leigos

livres, falar claramente, “oportuna e inoportuna-mente”, como pediu Paulo.

O cardeal Newman⁵⁰ escreveu que, no século IV, tempo em que o arianismo ganhava terreno, a maioria dos bispos era dessa tendência e o próprio Papa Libério estava na corda bamba. A Igreja foi salva pelo “consenso dos fiéis”. O Padre Congar⁵¹, citando o texto, acrescentou: “e pela ação dos teólogos”. Hoje nos perguntamos: quais os que irão se manifestando hoje? Alguns, é claro. Leonardo Boff⁵² respondeu contundente: “Quem subverte o concílio: L. Boff ou o cardeal J. Ratzinger? Meu querido irmão Marcelo Barros, depois da *Dominus Iesus*, enviou carta a seu irmão João Paulo (irmão sim, “servo dos servos”, não tanto supremo pontífice, título de origem pagã) e foi fortemente criticado pela presidência da CNBB. Teremos entre nós, em pouco tempo, Hans Küng⁵³. Vejamos o que terá a dizer.

⁴⁷ Documento da Congregação para a Doutrina da Fé: documento divulgado em 09-07-2007 por Bento XVI, que afirma que a Igreja Católica é a única igreja de Cristo. Sobre o assunto, confira nas *Notícias do Dia* 12-07-2007, do site, www.unisinos.br/ihu, quando em entrevistas exclusivas à *IHU On-Line*, José Comblin, Walter Altmann e Faustino Teixeira analisam o impacto do documento. Confira, também, a entrevista com Luís Carlos Susin, em 10-07-2007, *Notícias do Dia* do site www.unisinos.br/ihu, na qual o teólogo afirma “A *Dominus Iesus* é o texto básico que explica todo o processo do atual pontificado, pelo qual também já houve uma porção de crises de interpretação”. Em 13-07-2007, as *Notícias do Dia* publicaram a entrevista “A Igreja católica está voltada para si mesma”, com o teólogo luterano Roberto Zwetsch, também repercutindo o *Motu proprio Summorum Pontificum*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁸ Aqui, o autor refere-se ao artigo “Um véu de integrismo e fundamentalismo ameaça o mundo pluralista de hoje”, publicado nas *Notícias do Dia*, em 18/05/2007, pelo site do IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁹ Congresso Anual da Soter – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião: evento que ocorreu em julho de 2007, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Confira entrevista especial realizada pela *IHU On-Line* com a Prof.^a Dr.^a Maria Carmelita de Freitas, teóloga, presidente da Soter e coordenadora da pós-graduação em Teologia da FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁰ John Henry Newman (1801-1890): cardeal inglês. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵¹ Yves Marie-Joseph Congar (1904-1995): teólogo dominicano francês, conhecido por sua participação no Concílio Vaticano II. Foi duramente perseguido pelo Vaticano, antes do Concílio, por seu trabalho teológico. A isso se refere o seu confrade Tillard quando fala dos “exílios”. Sobre Congar, a *IHU On-Line* publicou um artigo escrito por Rosino Gibellini, originalmente no site da Editora Queriniana, na editoria Memória da edição 150, de 8-08-2005, lembrando os dez anos de sua morte, completados em 22-06-1995. Também dedicamos a editoria Memória da 102ª edição da *IHU On-Line*, de 24-05-2004, à comemoração do centenário de nascimento de Congar. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵² Leonardo Boff (1938): teólogo brasileiro. Foi um dos criadores da Teologia da Libertação e, em 1984, em razão de suas teses a ela ligadas e apresentadas no livro *Igreja: carisma e poder – ensaios de eclesiologia militante* (3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982), foi submetido a um processo pela ex-Inquisição em Roma, na pessoa do cardeal Joseph Ratzinger, hoje Papa Bento XVI. Em 1985, foi condenado a um ano de “silêncio obsequioso” e deposto de todas as suas funções. Dada a pressão mundial sobre o Vaticano, retornou a elas em 1986. Em 1992, sendo outra vez pressionado com novo “silêncio obsequioso” pelas autoridades de Roma, renunciou às suas atividades de padre. Continuou como teólogo da libertação, escritor e assessor das comunidades eclesiais de base e de movimentos sociais. Desde 1993, é professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. Confira a entrevista exclusiva que Boff concedeu à *IHU On-Line* 214, de 02-04-2007, intitulada “Roma está perdendo a batalha contra a Teologia da Libertação”. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵³ Hans Küng (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infabilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado

Faz alguns anos, o grande e saudoso teólogo uruguaio Juan Luis Segundo⁵⁴, escreveu fortíssima “resposta ao cardeal Ratzinger”. Desocultou o caráter ideológico de uma teologia norte-européia. E, no fim, disse: “Nessa luta mortal, conduzida com uma grande dose de ressentimento ou, talvez melhor, por uma teologia dependente de uma política sem esperança, nós, os latino-americanos, não conseguimos reconhecer nossa realidade, nem mesmo a realidade européia que sustenta [...] o documento (primeira Instrução Ratzinger sobre a Teologia da Libertação)”.

Tenho certeza de que, em voz baixa, muitos bispos e teólogos discordam dos últimos textos sobre o latim e a exclusividade da Igreja romana. O bispo francês Jacques Gaillot⁵⁵, que perdeu sua diocese de Evreux e criou a diocese virtual de Partênia, escreveu um livro com o título *O mundo grita, a Igreja sussurra*.

Não cabe agora ficar apenas na exegese dos textos, para salvar esta ou aquela expressão, tentando minorar os estragos. Quero unir-me ao clima de mal-estar e de escândalo de outras Igrejas (Igrejas sim). Os caminhos ecumênicos foram sabotados e com eles também os do diálogo inter-religioso. O Papa disse no Brasil que só possui a verdade plena quem crê em Deus e em Jesus Cristo. E agora completa: a Igreja Católica tem propriedade privada da verdade. Estamos nos

aproximando perigosamente de uma antiga expressão hoje descartada: “fora da Igreja Católica não há salvação”. Como Leonardo Boff provou, vamos regredindo para antes do Vaticano II e do clima que o bom Papa João criou ao convocar um concílio que, em sua intenção original, tinha por missão procurar a unidade cristã.

Quem se afastou da Igreja, depois do Vaticano II, foram os tradicionalistas conservadores. Mas, para com eles, este Papa demonstrou enorme misericórdia. Esta palavra tem no final o significado de coração. Talvez para eles penda o coração de Ratzinger. Faltou misericórdia diante de Jon Sobrino, com uma cristologia tão legítima como a do teólogo Ratzinger, que até escreveu um livro a respeito, “não como papa, mas como teólogo”. Que longe estamos do coração de João XXIII⁵⁶!

O cardeal Newman, depois do Vaticano I, disse em carta: “Pio (Pio IX, que poderia ser hoje Bento, ou João Paulo) não é o último dos papas. Um outro papa e outro concílio polirão a obra”. E falou, em outro texto célebre, do desenvolvimento da doutrina na história, hoje congelada com relação aos temas do ministério ordenado (para mulheres e pessoas casadas), da sexualidade e da reprodução, do celibato optativo etc. Aliás, o cardeal Ratzinger, há um tempo atrás, expressou em artigo sua admiração por Newman.

para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Global em Tübingen. Dedicou-se ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras, como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva, e *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*, pela editora Verus. Para conhecer sua trajetória, cfr. Hans KÜNG. *Libertad conquistada. Memórias* (Madrid: Trotta, 2004). De 21 a 26 de outubro de 2007, aconteceu o Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé - por uma ética mundial, com a presença de Hans Küng, a ser realizado no campus da Unisinos e da UFPR, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre, na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFMG. Um dos objetivos do evento é difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do “Projeto de ética mundial”. No dia 22 de outubro, às 20h, acontece a 1ª Grande Conferência, intitulada “As religiões e a ética mundial”. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁴ Juan Luis Segundo (1925-1996): uruguaio e jesuíta, um dos mais importantes teólogos da libertação. É autor de uma vasta obra. Citamos, entre os seus livros, *Teologia aberta para o leigo adulto* (São Paulo: Loyola, 1977-1978), em cinco volumes (*Essa comunidade chamada igreja; Graça e condição humana; A nossa idéia de Deus; Os sacramentos hoje; e Evolução e culpa*). (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁵ Jacques Gaillot: nomeado Bispo de Évreux, na França, em 1982, e demitido da sua diocese pelo Vaticano, em 1995. Neste ano, criou a Partenia - Diocese sem fronteiras, hospedada no site www.partenia.org. Interveniente ativo nos grandes debates da sociedade, Gaillot tornou-se, na França, uma figura conhecida pelas suas tomadas de posição frequentes na televisão, no rádio e na imprensa escrita, em favor dos objetores de consciência, dos palestinos, dos emigrantes e das minorias perseguidas. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁶ Papa João XXIII (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. nasceu na Itália. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi declarado beato por João Paulo II, em 2000. (Nota da *IHU On-Line*)

Tivemos, no começo do século XX, um papa simples e de inteligência limitada, Pio X, que até virou santo, que sob a orientação do cardeal espanhol Merry del Val, fechou a Igreja à modernidade. E surgiu uma sociedade secreta integrista, *Sodalitium Pianum*, com tendência inquisitorial. Depois dele, veio Bento XV⁵⁷, que desbloqueou o tema, dissolveu a sociedade e desterrou seu chefe, Benigni. Aliás, o cardeal Dalla Chiesa, naquele momento o novo papa, descobriu que, pouco antes, fora denunciado também como modernista. João Paulo II novamente enrijeceu na teologia. Só que seu conselheiro e orientador, no começo do século seguinte, ao contrário do caso anterior, tornou-se seu sucessor, com o nome de Bento XVI, na contramão do outro Bento. Antes, Leão XIII⁵⁸ tinha deixado de lado, em boa parte, o Syllabus anti-moderno de Pio IX⁵⁹. E João XXIII, falando de uma “inesperada primavera” (1960), liberou os melhores teólogos de seu tempo, calados pela *Humani Generis* de Pio XII (1950). Agora que estamos num novo inverno, o que virá pela frente? Precisamos viver sempre nesta gangorra inquietante e corrosiva?

Como membro do “povo de Deus” (Vaticano II), quero ajudar, de meu canto, a preparar o concílio Jerusalém II com que sonhou D. Hélder Câmara. Jerusalém I quebrou o gueto da Igreja dos circuncisos, pela força de Paulo e, depois de uma hesitação, de Pedro, contra Tiago, “irmão” de Jesus (ler Atos dos Apóstolos, cap. 15). Agora,

pretende-se construir um novo gueto romano. No meu caso, sigo dentro da Igreja Católica Romana, para mim, tradicional e historicamente a mais plena, com amor e impaciência filial, mas me recuso a falar em voz baixa. Em muitos automóveis se lê: “Tenho orgulho de ser católico”. Chega de arrogância e triunfalismo, no momento em que a Igreja Romana, nos Estados Unidos, se dessangra financeiramente, pela pedofilia de numerosos sacerdotes. O celibato obrigatório produziu em muitos uma sexualidade doentia e criminosa.

Se me perguntarem o que sou, responderei: “sou Cristão, membro de uma das várias denominações cristãs, que deveriam e deverão buscar a unidade”. Dom Mauro Morelli se declarou bispo cristão de confissão católico-romana. A Igreja una e santa é a Igreja Cristã; esta igreja, hoje em estilhaços, é também pecadora, “santa et meretrix”, como diziam os Padres dos primeiros séculos. Quero dar este testemunho aos irmãos imprecisamente chamados de separados e dizer, de dentro de minha Igreja, que esta deveria estar “semper reformanda”, não importando quem foi o autor da expressão.

O filme *Coeurs*⁶⁰ (há que ter corações com misericórdia), foi traduzido assim: “Medos privados em lugares públicos”. Afastemos esses medos miúdos (*la petite peur* de Mounier⁶¹), para dizer no recinto público de minha Igreja: como cristão, não posso deixar cair a luta pelo ecumenismo e pelo diálogo inter-religioso.

⁵⁷ Bento XV (1854-1922): nascido *Giacomo della Chiesa*, foi Papa desde 3 de setembro de 1914 até o dia de sua morte. Doutrou-se em Direito em 1875, foi ordenado sacerdote e ingressou no serviço diplomático do Vaticano. Promulgou o *Codex Iuris Canonici* (Código do Direito Canônico) em 1917. Após o armistício de 1918, Bento XV dedicou-se à reforma administrativa da Igreja, com o intuito de a adaptar ao novo sistema internacional emergente. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵⁸ Leão XIII (1810-1903): nascido Vincenzo Gioacchino Raffaele Luigi Pecci. Foi Papa de 20 de fevereiro de 1878 até a data da sua morte. Notabilizou-se primeiramente como popular e bem sucedido Arcebispo de Perugia, o que conduziu à sua nomeação como Cardeal em 1853. Ficou famoso como o “papa das encíclicas”. A mais conhecida de todas, a *Rerum Novarum*, de 1891, sobre os direitos e deveres do capital e trabalho, introduziu a idéia da subsidiariedade no pensamento social católico. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵⁹ Beato Pio IX (1792-1878): nascido Giovanni Maria Mastai-Ferretti, foi Papa durante mais de 31 anos, entre 16 de junho de 1846 e a data do seu falecimento. Era Frade Dominicano. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶⁰ *Coeurs*: filme de Alain Resnais. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶¹ Emmanuel Mounier (1905-1950): filósofo francês, fundador da revista *Esprit*. Suas obras influenciaram a ideologia da democracia cristã. A edição 155 de 12-09-2005 tem como tema de capa *Emmanuel Mounier: por uma revolução personalista e comunitária*. (Nota da **IHU On-Line**)

“Os pobres são contemporâneos de Aparecida”

Entrevista com Paulo Suess

Paulo Suess é teólogo e professor em universidades da Alemanha e no mestrado e doutorado em Teologia da Missão na Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. Doutorou-se em Teologia Fundamental, pela Universidade de Münster (Alemanha). Suess é autor dos **CADERNOS Teologia Pública** número 18, intitulado **Do ter missões ao ser missionário. Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II**. O Concílio Vaticano II foi tema de um evento promovido pelo IHU em 2005, que contou com a participação do professor Paulo Suess. Na época, ele concedeu uma entrevista, publicada na 161ª edição da **IHU On-Line**, de 24 de outubro de 2005.

Alemão radicado no Brasil há mais de trinta anos, Suess é um pensador do diálogo inter-religioso, com base nas experiências com os povos indígenas. Atua como assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) para a questão indígena no Brasil. Tem dezenas de livros publicados, entre os quais mencionamos **O catolicismo popular no Brasil: Tipologia de uma religiosidade vivida** (São Paulo: Loyola, 1979); **Em defesa dos povos indígenas: documentos e legislação** (São Paulo: Loyola, 1980); **Do grito à canção: poemas de resistência** (São Paulo: Paulinas, 1983); **Queimada e sementeira** (Petrópolis: Vozes, 1988); e **Travessia com esperança** (Petrópolis: Vozes, 2001).

Na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**, em 30 de abril de 2007, Suess fala sobre as expectativas em relação à V Conferência

Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – V Celam, realizada em maio de 2007, em Aparecida, São Paulo.

IHU On-Line – Qual é a sua apreciação do processo preparatório da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – V Celam, considerando o que foram as conferências anteriores e as diferentes reações aos documentos de participação e de síntese no cenário eclesial latino-americano?

Paulo Suess – No processo preparatório, não faltaram boas contribuições que, geralmente, vieram das bases. A proximidade ao chão das comunidades garantiu levantar as questões reais dos respectivos países e da Igreja latino-americana e caribenha. No agir institucional, essas contribuições foram muitas vezes descartadas e filtradas. Os documentos que vieram do Celam como “sínteses”⁶², geralmente, não refletiram os anseios, as dores e a riqueza das propostas das comunidades. Algo semelhante aconteceu na preparação das outras conferências. Se os anseios dos povos latino-americanos e caribenhos encontrarão voz e articulação, vai depender muito da coragem dos bispos em Aparecida. Vale lembrar que o Vaticano II começou com um não à documentação preparada pelas Congregações romanas.

IHU On-Line – O que o senhor aponta como questões-chave que mais desafiam a atuação da Igreja na América Latina?

⁶² Refere-se ao documento *Síntesis de los aportes recibidos*, editado pelo Celam, 2007. (Nota da **IHU On-Line**)

Paulo Suess – Essas questões-chave, que são do conhecimento do povo e dos seus pastores, podem ser nucleadas como imperativos que emergem do Evangelho:

- a assunção da realidade, compreendida como sinal de Deus no tempo, deve tornar-se novamente ponto de partida de qualquer reflexão teológica e ação pastoral, segundo o princípio do Santo Irineu⁶³: assumir para redimir (cf. Puebla 400);
- a opção pelos pobres, que deve ser aprofundada como opção com os pobres, respeitando sua subjetividade e seu protagonismo na construção do Reino;
- o reconhecimento teológico-pastoral da Igreja local, que exige mudanças estruturais; a Igreja local precisa romper com qualquer tipo de tutela colonial e praticar a sua idade adulta;
- a ampliação, descentralização e reestruturação dos ministérios para que na prática pastoral possam responder à diversidade sociocultural, dispersão geográfica e necessidade espiritual do povo de Deus;
- a participação qualitativa e diferenciada dos leigos, sobretudo das mulheres, na Igreja;
- a co-responsabilidade significativa do Povo de Deus na escolha dos seus pastores, sem os formalismos democráticos da sociedade civil, porém com regras de participação estabelecidas;
- a formação dos agentes pastorais (diáconos, futuros padres, leigos) a serviço e na proximidade do povo simples e pobre;
- continuidade e aprofundamento do diálogo ecumênico e inter-religioso.

IHU On-Line – Como o sonho de uma sociedade igualitária, justa e solidária das Conferências de Medellín e de Puebla⁶⁴ chega até Aparecida?

Paulo Suess – A meta permanece, porém a sua realização está mais longe. A Igreja não trabalha com promessas de realização de sonhos, mas ajuda a manter vivos esses sonhos e as lutas através do seu campo próprio, que é o campo das palavras, o campo de sinais e imagens, palavras que são boa notícia, sinais de justiça e imagens de esperança. Sonhos são sementes. O sonho de uma sociedade igualitária, justa e solidária, é o sonho dos pobres e é a semente contida no evangelho e no seu horizonte, que é o Reino de Deus. As grandes contribuições, que a fila do povo e os próprios bispos-delegados elencaram desde Medellín, precisam ser realmente assumidas, re-contextualizadas e transformadas em ações concretas para a construção de uma sociedade justa e solidária. Os pobres são contemporâneos de Aparecida. Se Aparecida vai tornar-se contemporânea dos pobres, logo veremos.

IHU On-Line – Quais são as ênfases teológico-pastorais que melhor ajudarão a Igreja a se situar hoje na realidade latino-americana?

Paulo Suess – O “princípio encarnatório” de Medellín, que tem sua matriz no Vaticano II (GS 22, LG 13, AG 3 e 22), acompanha praticamente todos os pronunciamentos do magistério latino-americano. Em Puebla (1979), será parafraseado como “assunção da realidade” (DP 201, 400, 469), e em Santo Domingo (1992) como “imperativo da inculturação” (DSD 13, 243). Desde a Carta Encíclica *Pacem in terris*⁶⁵ (1963), de João

⁶³ Santo Irineu de Lion: nasceu por volta do ano 130/135, provavelmente em Esmirna, na Ásia Menor. Era chamado: Zelador do Testamento de Cristo, tendo vivido na época dilacerada por heresias que colocavam em risco a unidade da Igreja na fé. Governou a Igreja de Lião até a morte, em 200. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶⁴ Puebla: Trata-se do Documento final da Conferência do Episcopado Latino-Americano realizado em Puebla e editado por Edições Loyola, 1979. (Nota da **IHU On-Line**).

⁶⁵ *Pacem in terris*: Carta encíclica do Papa João XXIII a todos os homens e mulheres de boa-vontade, com uma mensagem de esperança. A *Pacem in Terris* enuncia quatro critérios para uma sociedade em paz: verdade, justiça, amor e liberdade. Trata-se de quatro valores tão essenciais que constituem não somente os sinais que nos permitem reconhecer uma sociedade realizada, mas também os quatro princípios que sustentam o edifício da paz. A revista **IHU On-Line** já abordou esse tema na edição número 53, datada de 31 de março de 2003, com o título **40 anos depois: Pacem in terris**. (Nota da **IHU On-Line**)

XXIII⁶⁶, a expressão “sinais dos tempos” aponta para uma escuta atenta da voz de Deus na realidade histórica (cf. PT 39ss, 126ss). João XXIII identificava com os “sinais dos tempos” da *Pacem in terris* grandes causas emancipatórias da humanidade: a emancipação da classe trabalhadora, da mulher e dos povos colonizados.

A “escuta da voz de Deus na história” é uma metáfora para uma nova consciência histórica no interior da Igreja. Essa “voz de Deus na história” está vinculada à representação central de Deus no mundo pelos necessitados e pelos pobres. Através da reforma litúrgica, o Vaticano II tirou o altar da parede. Desde então, o sacerdote celebra a Missa *versus populum*, voltado para o povo. Uma Igreja *versus populum e cum populo*, voltado para o povo e evangelicamente coerente com o povo, será também relevante *pro populo*, relevante para o povo, como a vida de Jesus.

IHU On-Line – O que representa Aparecida enquanto evento eclesial no cenário religioso atual da América Latina, especialmente do Brasil?

Paulo Suess – Aparecida representa, no melhor dos casos, continuidade criativa. Os delegados de Aparecida não se devem deixar guiar por estratégias mercadológicas nem precisam inventar novos paradigmas. Depois da missão colonial até o Vaticano II, depois do diálogo do Vaticano II, da libertação, da opção pelos pobres e da assunção como pressuposto da redenção, em Medellín (1968) e Puebla (1979), Santo Domingo (1992) procurou aprofundar o paradigma da inculturação. Bons textos e análises, inclusive das respectivas Conferências Episcopais, não faltam. Aparecida precisa operacionalizar as decisões tomadas desde o Vaticano II.

No pior dos casos, Aparecida pode representar uma ruptura velada com o magistério latino-americano das últimas décadas e a volta para a cristandade, transformando a “opção pelos pobres” em “assistência aos pobres”. Alguns setores

esperam com o imaginário de Nossa Senhora Aparecida e com a missão como marketing mais agressivo reverter a tendência do retrocesso estatístico dos católicos na América Latina. Nesta perspectiva, a Missão seria apenas um tema estratégico. Mas a preocupação maior, que corresponde à natureza missionária da Igreja, deve girar em torno de uma possível perda da qualidade e relevância de nossa presença missionária no meio do povo. Qual é a relevância da presença dos cristãos entre os pobres e os outros da América Latina e do Caribe?

Numa auto-avaliação, ainda bastante genérica, podemos afirmar que o encolhimento numérico dos fiéis é uma consequência da perda eclesial de “atratividade”. O que significa “atratividade eclesial”? Ela pode significar falta de coerência evangélica e relevância sociopolítica para o mundo dos pobres-outros. As perdas estatísticas podem apontar para o espírito da época, que tem dificuldades de assumir compromissos a longo prazo, mas também para perdas de profundidade, radicalidade e credibilidade da nossa presença. Afinal, fizemos muitas promessas ao povo que não cumprimos.

IHU On-Line – A caminhada rumo a Aparecida e as diferentes reações diante do caso Sobrino estão evidenciando um pluralismo de concepções teológicas e eclesiais, uma diversidade de tendências e divergências internas. Até que ponto a Igreja está capacitada lidar com este pluralismo e esta diversidade interna?

Paulo Suess – Precisamos retomar as práticas plurais nos primórdios do cristianismo. Essa práticas estão presentes nos próprios evangelhos, na patrística, nas teologias. A fé se reveste de culturas, mas não é cultura. Portanto, existem muitas maneiras para expressar a fé. Pela proximidade aos povos e pela diversidade das expressões da fé, da esperança e do amor, a Igreja discípula-missionária se tornará uma instituição mais vulnerável,

⁶⁶ Papa João XXIII (1881-1963): Angelo Giuseppe Roncalli nasceu em Sotto il Monte (província de Bérgamo), Itália. Foi Papa do dia 28 de outubro de 1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, ele convocou o Concílio Vaticano II, que visava a pastoralmente explicar os dogmas ao mundo moderno. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. Faleceu de câncer no estômago, após longa luta contra tal enfermidade, em 3 de junho de 1963. (Nota da **IHU On-Line**)

mas também uma instância de apelação, de contestação, de reconciliação e de graça, mais próxima ao carpinteiro de Nazaré que é filho de Deus. Mas, se não queremos confundir o fundamento da fé com seu revestimento cultural, a filiação divina deve ser expressa não somente através de conceitos da ontologia grega, mas em muitas línguas e linguagens, inclusive através de metáforas latino-americanas. Este reconhecimento da diferença não deve ser tratado como privilégio, mas como direito e dever. A Igreja local não é a filial de uma matriz supostamente universal, mas é Igreja de Jesus Cristo. O pluralismo e a diversidade interna da Igreja são um desdobramento do princípio subsidiariedade⁶⁷. O tema do discipulado missionário de Aparecida aponta para um aprendizado permanente.

IHU On-Line – O que você focalizaria como questões mais urgentes a serem pensadas em vista da comunicação da fé cristã na realidade atual?

Paulo Suess – Por ser essencialmente missionária, a Igreja não vive para si. Ela não está nem se coloca no centro. Ela vive a serviço do Reino. Esse Reino é central para todas as suas atividades e reflexões. A meta da Igreja é o Reino de Deus (cf. LG 9). Ela é serva e testemunha do Reino. No Espírito Santo, é enviada para articular universalmente os povos numa grande “rede” (cf. Jo 21,11) de solidariedade. Do envio, nascem comunidades pascais que tentam contextualizar a utopia do primeiro dia da nova criação. Das comunidades, nasce o envio. A missão, com seus dois movimentos, a diástole do envio à periferia do mundo e a sístole que convoca, a partir dessa periferia, para a libertação do centro, é o coração da

Igreja. Sob a senha do Reino, propõe um mundo sem periferia e sem centro.

IHU On-Line – Quais são as possibilidades e limites para pensar a inculturação do Evangelho na América Latina?

Paulo Suess – Pensar a inculturação do Evangelho significa pensar uma Igreja semente, pensar a encarnação e a cruz, a proximidade aos pobres e outros. Os delegados de Aparecida devem-se lembrar da metodologia de Santo Irineu, tantas vezes citada, sobretudo em Puebla (n. 400, 457, 469), que a redenção da realidade e das culturas pressupõe a sua assunção, uma assunção evangélica (cf. os discursos de Jesus na sinagoga de Nazaré, sobre as bem-aventuranças e o juízo final), sem casuísmos. Assunção não significa identificação, mas vinculação. Essa vinculação está expressa na “opção pelos pobres”, na assunção das lutas pela redistribuição dos bens da terra, na inculturação nos contextos socioculturais diferentes, e no reconhecimento do diferente sem indiferença. A missão inculturada exige o reconhecimento dos carismas da Igreja local.

Somos discípulos-missionários para testemunhar, no meio dos crucificados, um Deus crucificado e ressuscitado, que fez o ser humano à sua imagem e semelhança, e que se deu “para nós” e “para todos”. Como sublinhar esse aspecto de doação, de existência para os outros? O Evangelho nos responde: pelo reconhecimento do outro, pela gratuidade da presença, pela diaconia eucarística, através da opção pelos pobres, na luta e na contemplação, transfigurando a obsessão do mundo globalizado pela rentabilidade, visibilidade, velocidade e contabilidade em gratuidade.

⁶⁷ Princípio da subsidiariedade: Em dezembro de 1992, o Conselho Europeu de Edimburgo definiu os princípios fundamentais da noção de subsidiariedade e as linhas diretrizes de interpretação do artigo 5.º, que consagra a subsidiariedade no Tratado da União Européia. As suas conclusões foram retomadas numa declaração que constitui, ainda hoje, a pedra angular do princípio da subsidiariedade. O princípio da subsidiariedade tem por objetivo assegurar uma tomada de decisões o mais próxima possível dos cidadãos, ponderando se a ação a realizar a escala comunitária se justifica em relação às possibilidades que oferece o nível nacional, regional ou local. Concretamente, trata-se de um princípio segundo o qual a União só deve atuar quando a sua ação seja mais eficaz do que uma ação desenvolvida a nível nacional, regional ou local – exceto quando se trate de domínios da sua competência exclusiva. Este princípio está intimamente relacionado com os princípios da proporcionalidade e da necessidade, que implicam que a ação da União não deve exceder o necessário para alcançar os objetivos do Tratado. (Nota da **IHU On-Line**)

“A opção de quem crê em Jesus Cristo não pode ser outra que a opção pelos pobres”

Entrevista com Ignacio Antonio Madera Vargas

O teólogo colombiano Ignacio Antonio Madera Vargas concedeu uma entrevista exclusiva para a revista **IHU On-Line**, por e-mail, em 28 de maio de 2007, diretamente de Aparecida, São Paulo, onde participou da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – V Celam. Ignacio Madera Vargas é presidente da Confederação Latino-americana de Religiosos, denominada CLAR, com sede em Bogotá, Colômbia. A CLAR é formada pelas Conferências Nacionais de Superiores e Superiores Maiores da América Latina e do Caribe. É um organismo internacional de direito pontifício que tem como objetivo a coordenação de tais Conferências. Leia, a seguir, a entrevista, na qual ele afirma que acredita que o Papa tem dado um acento importante à opção pelos pobres na Igreja.

IHU On-Line – Quais são os principais temas ou questões que os bispos reunidos estão abordando de maneira mais contundente na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – V Celam?

Ignacio Madera – Fundamentalmente, os seguintes assuntos: aumento da pobreza no continente; o neoliberalismo e suas incidências a nível econômico, social e religioso; e a necessidade de uma resposta séria e dinâmica por parte da Igreja Católica ante as situações que hoje vive o continente, promovendo a participação dos leigos na vida da sociedade. Interessam igualmente outros assuntos importantes, como a questão ecológica, a incidência das multinacionais ante a situação da Amazônia, a defesa da vida desde sua concepção até o seu final. Igualmente, preocupa o trânsito de

muitos católicos às novas expressões religiosas de origem norte-americana ou latino-americana.

IHU On-Line – Como o senhor vê a interação entre o Vaticano e a Igreja da América Latina nesta V Conferência? Que apreciação o senhor faz da V Conferência enquanto acontecimento eclesial neste momento do caminhar da Igreja na América Latina?

Ignacio Madera – Considero que há uma abertura a deixar que seja o Episcopado quem vá assumindo os assuntos de transcendência. O discurso do Santo Padre, na abertura da V Conferência marcou uma pauta importante: sem condenações, sem recriminações e mais estimulante e aberto a horizontes de sempre e de novidades. Creio que há um profundo respeito pelo modo como o Episcopado quer enfrentar os assuntos da Igreja Católica na América Latina. O Episcopado tem a liberdade de ir decidindo os métodos e as temáticas que julga importante. Aparecida está criando um marco de maneira que haverá que se falar de antes e depois de Aparecida no que diz respeito a esta relação.

Considero que tem sido um evento supremamente sugestivo, de uns duzentos e sessenta participantes, uns 80 convidados, e, entre esses, presbíteros, religiosos, religiosas, leigos e leigas, e observadores de outras religiões históricas. Sendo uma conferência do Episcopado, a meu juízo, é dada uma participação sugestiva a outras instâncias da Igreja. E, neste momento do caminhar, isso deveria expressar-se em um dinamismo e abertura da Igreja a propostas de maior compromisso com a transformação de nossa América La-

tina em um continente onde os pobres e excluídos sejam os favoritos de sua pregação e sua ação.

Este clima possibilitará uma maior abertura eclesial ao diálogo ecumênico e inter-religioso. Sobretudo, considero, a partir de grandes causas pela justiça, a solidariedade e a paz como também a defesa da criação. Estas causas comuns podem ajudar o diálogo mais fecundo nos aspectos da confissão de fé.

IHU On-Line – A temática da proposta do ministério ordenado (ordenação) de mulheres foi pedida pela CNBB ao Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam). Por que foi ignorada esta sugestão?

Ignacio Madera – Não conheço texto algum a respeito, mas creio que a Igreja Católica neste momento não está disposta a discutir o assunto. Realmente, não faz parte da agenda dos assuntos que a Conferência tem tratado.

IHU On-Line – A saída dos fiéis que tanto preocupa o Papa e os bispos está relacionada com a necessidade da Igreja renovar-se? Por onde o senhor vê que passa essa renovação da Igreja?

Ignacio Madera – Creio que passa pela consciência de ser uma Igreja ministerial a partir da consagração batismal. É clara a consciência da necessidade de um compromisso maior dos leigos a partir de uma formação muito cuidadosa, que estimule suas lideranças na sociedade e sua séria participação no interior da Igreja. A necessária diferenciação entre os leigos em movimentos religiosos católicos e o laicato em geral permite a não-identificação do laicato com um só setor, cha-

mando a todos a uma tomada de consciência de sua condição de batizados, agraciados com uma diversidade de carismas, para a edificação do corpo comum, que é a Igreja.

IHU On-Line – Há anos, a Igreja latino-americana propõe em seus documentos uma opção pelos pobres. O Papa voltou a insistir nesta preocupação. Como o senhor analisa esta questão?

Ignacio Madera – Creio que o Santo Padre tem dado um acento à opção pelos pobres colocando-a como parte da fé cristológica. Considero que isto nos pede o desenvolvimento da cristologia desde a história de Jesus de Nazaré confessado como Senhor e Cristo. É pela fé, e em virtude da resposta de fé em Jesus Cristo, que a opção de crente não pode ser outra que a opção pelos pobres.

IHU On-Line – Qual é o envolvimento da Vida Religiosa latino-americana (CLAR) com a V Conferência?

Ignacio Madera – Em minha apresentação ante a Conferência, afirmei que as decisões, conclusões e propostas da mesma terão na vida religiosa latino-americana a primeira disponibilidade no sentido de implementá-las com expectativa, dinamismo e fidelidade criativa. A CLAR é uma confederação das 22 conferências nacionais do continente, e o fato de terem sido convidados três de seus membros diretivos para a Conferência nos estimula a continuar fortalecendo o diálogo e a relação que fazem da vida religiosa um modo radical de seguimento de Jesus sempre aberta e desperta às angústias e esperanças dos pobres e excluídos.

“Temos de crer e esperar que outro mundo e que outra Igreja são possíveis”

Entrevista com Victor Codina

Victor Codina entrou para a Companhia de Jesus em 1948, na província da Cataluña, na Espanha. Em 1971, foi enviado à América Latina, vivendo em países como Venezuela, Argentina e Bolívia, onde está radicado desde 1982. Sua atividade é bastante variada, dando aulas de Teologia na Universidade Católica de Cochabamba e se colocando em contato com o povo em bairros e comunidades de base. Escreveu, entre outros, **La vie religieuse. Du cerf** (Paris, 1992) e **O credo dos pobres** (São Paulo: Paulinas, 1997).

Ao fazer um diagnóstico sobre a Igreja na América Latina hoje, o teólogo jesuíta espanhol Victor Codina constata: “em muitos há crença sem pertença”. E se questiona: “Podemos continuar falando que a América Latina é um continente com substrato católico, que é o continente da esperança para a Igreja universal, a reserva espiritual para o futuro da Igreja?”. Em entrevista exclusiva, concedida por e-mail para a **IHU On-Line**, ainda enquanto participava da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – V Celam, em Aparecida, encerrada no dia 31 de maio, Codina faz uma análise do discurso do Papa na abertura do evento: “O tom do discurso esteve mais centrado na Igreja do que no Reino, mais preocupado com a situação do Povo de Deus (cristão e católico) que do povo em geral (pobre)”. Confira, abaixo, a íntegra da entrevista.

IHU On-Line – Como o senhor vê a situação da Igreja católica na América Latina hoje?

Victor Codina – A Igreja da América Latina, por um lado, participa da situação de “inverno eclesial” que se respira na Igreja universal desde o fi-

nal do pontificado de Paulo VI. Isto pode ser notado concretamente na América Latina porque já passou a época um tanto profética dos anos 1970-1980, quando havia bispos que eram verdadeiros Santos Padres da América Latina, a opção pelos pobres marcava as vidas de setores importantes da Igreja, cresciam as comunidades de base, a Teologia da Libertação florescia, a vida religiosa se inseria em meios populares e pobres e havia vozes proféticas que muitas vezes acabavam com o martírio. Hoje, muitos católicos têm passado às seitas, outros (sobretudo entre os intelectuais, profissionais, políticos, jovens, mulheres, setores indígenas...) se tornaram indiferentes ou agnósticos; entre os que permanecem fiéis à Igreja católica, uma grande maioria está ancorada na religiosidade popular, com seus grandes valores, mas também com seus limites. Em muitos, há a crença sem pertença. Entre os praticantes dominicais habituais, poucos se comprometem a algo mais que a assistência à missa aos domingos. Os católicos comprometidos constituem uma minoria, mas significativa e viva: comunidades de base, grupos e movimentos eclesiais, vida religiosa trabalhando com excluídos e em lugares de conflito, pastores próximos ao povo... Podemos continuar falando que a América Latina é um continente com substrato católico, que é o continente da esperança para a Igreja universal, a reserva espiritual para o futuro da Igreja? Desde os anos 1990, a situação social, cultural e eclesial tem mudado profundamente. De algum modo, se tem passado do paradigma do Êxodo, que foi o dominante nos anos 1970-1980, ao do Exílio: uma situação de dispersão, perplexidade, medo, desconcerto, falta

de esperança e de projetos concretos. Mas, como o Exílio não foi um tempo perdido, mas um momento de purificação e de reflexão, também a Igreja da América Latina, nestes anos, tomou consciência mais clara de sua situação, de seus problemas, de suas dificuldades, da necessidade de mudar. Neste sentido, Aparecida pode ser um momento de reflexão e tomada de consciência eclesial.

IHU On-Line – Qual é a sua percepção das repercussões da visita do Papa ao Brasil e sua presença na abertura da Conferência do Celam em Aparecida?

Victor Codina – Mesmo que os meios de comunicação tenham dado mais importância à visita do Papa ao Brasil do que à abertura de Aparecida, o centro desta visita foi realmente Aparecida. É triste que os meios de comunicação, em relação ao discurso do Papa na V Conferência, tenham retido somente os temas polêmicos sobre a primeira evangelização da América Latina, sobre a crítica a governos autoritários, sobre o perigo de voltar a religiões originárias à margem da Igreja etc. O discurso tratou de outros muitos temas e foi muito inspirador: os valores da religiosidade popular, a necessidade de uma evangelização inculturada, a renovação da fé em Cristo, a centralidade da Palavra de Deus, uma fé e uma espiritualidade que não fujam da realidade, a opção pelos pobres implícita na fé cristológica, a necessidade de superar o divórcio entre a fé e a vida e fortalecer a presença pública da Igreja na sociedade, acerca de assumir uma postura ética ante a globalização, sobre a gravidade do problema social na América Latina, a necessidade de buscar um desenvolvimento e promoção humana autêntica e integral, a transformação de estruturas injustas, a sã laicidade do Estado, a tarefa eclesial de ser consciência crítica e defender os pobres e a justiça, a superação do machismo etc.

No entanto, o tom do discurso esteve mais centrado na Igreja do que no Reino, mais preocupado com a situação do Povo de Deus (cristão e católico) que do povo em geral (pobre). Seguramente, é inevitável que o responsável pela universalidade e pela catolicidade da Igreja adote esta

perspectiva. Talvez a partir da América Latina a perspectiva fosse outra, mais a partir do povo pobre e excluído, cuja vida está ameaçada e em perigo.

IHU On-Line – Que significado tem a V Conferência para a Igreja Universal?

Victor Codina – Todas as Conferências anteriores do Episcopado tiveram uma repercussão na Igreja universal, de modo que a opção pelos pobres de Medellín e Puebla passou a ser a opção da Igreja universal, como João Paulo II afirmou várias vezes. É cedo para saber qual será o significado de Aparecida para a Igreja universal, mas, sem dúvida, há uma certa expectativa em toda a Igreja sobre o desenvolvimento da V Conferência.

IHU On-Line – O que o senhor espera da Conferência de Aparecida em relação a afirmações e compromissos que a Igreja latino-americana não pode deixar de assumir?

Victor Codina – Espera-se que não se caminhe para trás, mas que se recuperem as opções evangélicas de Medellín e Puebla (partir da realidade, opção pelos pobres, Comunidades de base, volta a Jesus de Nazaré pobre e libertador, recuperar a memória dos mártires, inculturação do Evangelho...). Mas isso não basta. Deve-se afrontar a situação social atual: denunciar profeticamente a injustiça e iniquidade do sistema neoliberal, alentar novas formas de economia e organização social, escutar o grito dos pobres e da terra explorada abusivamente, lutar pela vida do povo hoje ameaçada, defender as culturas originárias, denunciar o machismo etc. Do ponto de vista eclesial, haveria que iniciar os cristãos em uma experiência espiritual profunda do mistério de Cristo, fomentar uma fé responsável que se traduza na vida, formar especialmente os leigos, voltar a evangelizar o povo, revisar as estruturas eclesiais, responder aos desafios do mundo do conhecimento, avançar no ecumenismo e no diálogo inter-religioso e favorecer o surgimento de uma Igreja dos pobres e de uma Igreja autóctone. Precisamos aceitar que o problema da América Latina não é só social, mas que há a necessidade de se respeitar as diferenças culturais, sexuais, religio-

sas, de idade etc. e aceitar o pluralismo existente. A experiência do Exílio conduz a um aprofundamento humano, cultural, religioso, cristão, a uma tomada de consciência de que é necessário viver a vida cristã de modo diferente, mais autêntico, profundo, radical, espiritual.

Há temas que superam a competência de uma Conferência latino-americana, mas que deveriam ser propostos a Roma: tudo o que for relacionado com a sexualidade e a moral sexual, a ordenação de homens casados, repensar a situação da mulher na Igreja e de seu acesso aos ministérios, descentralizar o governo da Igreja e dar mais autonomia às Conferências episcopais (na nomeação de bispos, problemas doutrinários, litúrgicos e pastorais...) e um longo etcétera.

Em síntese, espero que, se Medellín se centrou nas estruturas injustas e Puebla na opção pelos pobres e Santo Domingo sobre a inculturação, Aparecida se centre na defesa e promoção da vida, da vida material e humana do povo, da vida cultural e religiosa, da vida de fé e eclesial, da Vida que nos comunica Jesus que é caminho, verdade e vida.

IHU On-Line – Fala-se muito hoje sobre o afastamento dos fiéis da Igreja católica.

Que implicações este fato tem para a auto-compreensão da Igreja e para sua metodologia de ação?

Victor Codina – Esta situação real deve nos fazer refletir sobre nossa realidade, sem sonhar com o que fomos no passado. Já não tem mais futuro um catolicismo meramente sociológico, de grandes massas, que quase não conhecem nem a fé cristã, nem se sentem membros da Igreja, nem vivem uma vida conforme os valores evangélicos. Vamos fazer uma Igreja seguramente mais minoritária, menos clerical, de cristãos convencidos, com uma forte experiência espiritual, melhor formados, mais responsáveis, que participem das diversas comunidades, abertos ao mundo e a seus problemas, capazes de dialogar com outras Igrejas e religiões, que sejam fermento da sociedade com sua vida, sua palavra e sua ação. É um sonho? Acaso o Espírito não nos conduz a viver o Evangelho de forma mais radical e a fazer memória contínua de Jesus e de suas opções? À semelhança do povo de Israel no Exílio, temos de crer e esperar que outro mundo é possível e que outra Igreja é possível.